



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**RAQUEL MARIA RIERA MAIA**

**CARNE DA NOSSA CARNE: CANIBALISMO E CAPITALISMO EM  
“CADÁVER EXQUISITO”, DE AGUSTINA BAZTERRICA**

CAMPINAS  
Julho de 2022

RAQUEL MARIA RIERA MAIA

**CARNE DA NOSSA CARNE: CANIBALISMO E CAPITALISMO EM  
“CADÁVER EXQUISITO”, DE AGUSTINA BAZTERRICA**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de graduada em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Viviana Gárate

Este exemplar corresponde à versão final da Monografia defendida pela aluna Raquel Maria Riera Maia e orientada pela Profa. Dra. Miriam Viviana Gárate.

CAMPINAS

Julho de 2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

Maia, Raquel Maria Riera, 1996-  
M28c Carne da nossa carne : canibalismo e capitalismo em "Cadáver Exquisito", de Agustina Bazterrica / Raquel Maria Riera Maia. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Miriam Viviana Gárate.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ecocrítica. 2. Distopias na literatura. 3. Literatura argentina. I. Gárate, Miriam Viviana, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Palavras-chave em inglês:**

Ecocriticism

Dystopias in literature

Argentine literature

**Área de concentração:** Teoria literária

**Titulação:** Licenciado em Letras

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 14-07-2022

*Lo que vendemos está muerto, se está pudriendo  
y parece que la gente no lo quiere aceptar.*

Agustina Bazterrica

*À Edmea e à Chris, cujas palavras ressoam em  
nós até hoje, amenizando o silêncio de sua  
partida.*



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Miriam, que faz parte da minha trajetória na Unicamp desde o meu primeiro dia de aula e me acolhe como sua orientanda desde 2017, quando comecei a trabalhar em minha primeira monografia. Todo o amadurecimento que tive de lá para cá na escrita, na pesquisa e no olhar (não apenas acadêmico) se deve à sua orientação atenta, às suas correções justas e cheias de ideias, e à sua paciência comigo. Nesse sentido, agradeço também à Universidade, que possibilita todos os anos (e apesar dos obstáculos) o sonho de uma educação pública e de qualidade de milhares de pessoas.

Em seguida, gostaria de agradecer à minha família e, mais especificamente, aos meus pais, Flávia e Célio, que vêm construindo continuamente caminhos, tetos, casas e pontes para mim e para minha irmã, Julia. O coração enorme de vocês é lar não só para nós, mas para tantos amigos e familiares que veem em vocês toda a gentileza, a generosidade, a paciência e o amor que vocês têm para dar. Vocês sempre tentam arrumar motivos para me fazer querer voltar para casa (a Luna, o sítio, uma receita nova, um lugar antigo), mas o único motivo do qual eu sempre precisei foi ficar perto de vocês.

Agradeço ao Gustavo, meu companheiro de tantos anos. Sua companhia, seu apoio, sua admiração e seu esforço ressaltam o melhor de todos os dias. Poder contar com sua compreensão e sua ajuda ativa sempre me dá forças e me lembra das partes de mim que não posso esquecer.

Agradeço às amigas de Itajubá, em especial Camila, Cris e Manu, sempre dispostas a encontros aos finais de semana e a desabafos a qualquer momento. Nossas conversas e risadas são sempre fonte de alívio para mim. Agradeço também aos amigos de Campinas, em especial Sofia e Larissa, que leram *Cadáver Exquisito* por minha indicação e se animaram a discutir comigo as tantas questões que eu levantei. Seu companheirismo não se resume a essa leitura, mas se estende a uma amizade sólida que teve início no primeiro dia de graduação e promete anos por vir. Obrigada por serem meu porto seguro fora de casa durante todo esse tempo.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, têm participado da minha trajetória nos últimos anos. Vocês certamente contribuíram para construir quem sou hoje. Por fim, agradeço (e saúdo) todos aqueles que, de alguma forma, contribuem para refletir sobre as

formas de ser humano em uma terra tão repleta de modos de existir. Que juntos possamos continuar pensando um mundo um pouco mais gentil a todas as espécies.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar as formas como o romance *Cadáver Exquisito* (2018), da autora argentina Agustina Bazterrica, mobiliza temas complexos da realidade por meio de uma distopia canibalesca ambientada em um mundo pós-apocalíptico. Esse interesse se dá na medida em que, para possibilitar o canibalismo, o sistema político-econômico da narrativa depende da animalização do humano e de sua inversão em bem de consumo aliada a uma ampla reformulação discursiva na sociedade. As consequências da instituição do canibalismo estão ligadas ao luto reprimido, à ressignificação do corpo e a questionamentos sobre funções sociais humanas cujas análises foram amparadas por trabalhos das áreas de *animal studies*, análise do discurso, psicanálise e teoria literária voltada ao gênero distópico.

**Palavras-chave:** animal studies; ecocrítica; literatura argentina; distopia.

## ABSTRACT

This paper seeks to analyze how the novel *Cadáver Exquisito* (2018), by argentinian author Agustina Bazterrica, mobilizes complex themes of reality through a cannibalist dystopia set in a post-apocalyptic world. This interest is based on the fact that, to enable cannibalism, the socio-economic system of the narrative relies on the animalization of the human being and its inversion into consumer goods allied with a wide discursive reformulation in society. The consequences of the institution of cannibalism are linked to repressed trauma, resignification of the body and questions about the social roles of humans whose analyses were supported by works in the areas of animal studies, discourse analysis, psychoanalysis and literary theory about the dystopian genre.

**Keywords:** animal studies; ecocriticism; argentinian literature; dystopia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: RELAÇÕES HUMANAS E ANIMAIS EM <i>CADÁVER</i></b>	
<b><i>EXQUISITO</i>.....</b>	<b>17</b>
A “carne especial e a reformulação do discurso canibal.....	25
Espaços ambíguos: a animalização questionada.....	29
<b>CAPÍTULO II: CONVIVENDO COM O CANIBALISMO.....</b>	<b>36</b>
O problema do corpo.....	36
O mundo extinto.....	41
<b>CAPÍTULO III: MERCADO CANIBAL E GÊNERO DISTÓPICO.....</b>	<b>47</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Nos artigos que compõem a obra *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*, o pesquisador Rob Wallace (2020) descreve, com base em evidências científicas, as formas pelas quais o modelo de produção de carne e outros bens de consumo de origem animal consolidado pela agroindústria foi, ao longo das décadas, responsável pelo surgimento de diversas cepas de vírus que afetam, em diferentes níveis, seres humanos. De acordo com o autor, o *modus operandi* dos criadouros, dos abatedouros e das transportadoras cria ambientes ideais para atividades virulentas que, sem controle adequado, podem se disseminar, reproduzir e modificar, transitando facilmente entre animais e trabalhadores. Fazem parte dessa esteira de produção contínua: o confinamento extremo de centenas de milhares de suínos, bovinos e afins, algumas vezes em espaços sem distinção por espécie; as modificações genéticas feitas para gerar mais rapidamente animais mais eficientes para o abate; o transporte de animais, vivos ou mortos, de forma irrestrita dentro e fora das fronteiras dos países; a exploração abusiva do meio ambiente para abrir espaço para plantações destinadas à alimentação desses seres vivos criados artificialmente. Com base nisso, o autor afirma que

“hoje em dia, os vírus influenza surgem por meio de uma rede globalizada de produção e comércio corporativo de animais confinados, onde quer que surjam cepas específicas. Com rebanhos e manadas levados de região para região [...], várias cepas de influenza são continuamente introduzidas em localidades cheias de populações de animais suscetíveis. Esse efeito dominó de exposição pode servir como combustível para a evolução da virulência viral. Ao se sobrepor ao longo dos elos das cadeias transnacionais de suprimentos de agronegócio, as cepas de influenza também aumentam a probabilidade de trocar segmentos genômicos para produzir um rearranjo de potencial pandêmico” (WALLACE, 2020, p. 123).

É importante ressaltar que os trabalhos de Wallace reunidos na obra aqui citada foram publicados entre 2000 e 2016 – ou seja, anos antes do surgimento e da disseminação do coronavírus, que passou a ser um problema sanitário de escala mundial em meados de fevereiro de 2020 (e que, até a conclusão deste trabalho, havia custado a vida de quase 665 mil pessoas no Brasil e 6,26 milhões no mundo)<sup>1</sup>. Nesse sentido, percebe-se que as previsões da ciência já anunciavam, desde o começo do século XXI, a complexidade das questões intrínsecas à base da produção agroindustrial.

---

<sup>1</sup> De acordo com o levantamento em tempo real fornecido pela ferramenta de pesquisa do Google, disponível em <https://www.google.com/search?q=mortes+coronavirus+brasil&oq=mortes+coron&aqs=chrome.1.69i57j0i131i433i512j0i433i457i512j0i402i2j0i512i2j0i433i512j0i512i2.3384j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 13 de maio 2022.

Para Wallace, um dos problemas centrais da forma como hoje opera a agroindústria e, consequentemente, os viveiros de vírus, é sua ligação direta com as ambições econômicas de governos e empresas. Na esteira do lucro, são criados modos desenfreados de controle do espaço natural (e da produção de conhecimento sobre esse espaço), sem considerar as perdas humanas, animais e ambientais que se dão no processo. Conforme o autor explica, “o poder político molda tanto as doenças infecciosas quanto as ciências que as estudam” (WALLACE, 2020, p. 27). Com isso, é observável, em décadas recentes – mais especificamente a partir da década de 1960, quando o modelo hoje vigente começou a se consolidar –, uma convergência de forças nas cúpulas do poder político-industrial para inibir as contradições sociais e ambientais causadas pela forma de exploração necessária para manter o sistema. Um dos pilares desse movimento, no entanto, começou a se formar há séculos: a inferiorização do animal em prol do homem, que, ao longo dos anos, abriu espaço para a concepção da máquina agroindustrial.

Sabe-se que o animal faz, desde tempos imemoriais, parte do convívio humano.<sup>2</sup> Seja como base de seus meios de produção, isto é, como fonte de alimento e matéria-prima para atividades de sobrevivência e de desenvolvimento humano; seja como parte de um imaginário místico e, mais tarde, científico, que busca entender o funcionamento da natureza, a animália sempre representou um universo que compõe o pensamento do homem. Para a pesquisadora Ermelinda Ferreira (2005, p. 120), “os animais constituíam o primeiro círculo relacional do ser humano com o mundo ao seu redor” e, por isso, despertam curiosidade: é preciso entender os animais para entender, também, a existência humana.

No entanto, embora tenham um compartilhamento milenar do mesmo espaço e dos mesmos recursos, o animal sempre foi, para o humano, símbolo de ambiguidade: ao mesmo tempo em que o *Homo sapiens*, como parte da natureza que o origina, tem uma rede de semelhanças com o restante da esfera animal, ele também tem um mundo de diferenças. Nesse sentido, para a pesquisadora Maria Esther Maciel (2016, p. 13), “os animais, sob o olhar humano, são signos vivos daquilo que sempre escapa a nossa compreensão”. Ainda que façamos parte da mesma esfera, eles estão fora do que podemos apreender pela linguagem e pelo conhecimento, partilháveis apenas com demais humanos – os animais são “radicalmente outros”. A partir disso, surge um paradoxo que faz parte da história da humanidade: somos

---

<sup>2</sup> Considerando-se que o extenso panorama cultural, histórico e econômico que envolve as relações humanas e animais nos últimos milênios não cabe no escopo de uma Monografia, optou-se por discorrer apenas em linhas gerais sobre suas origens. O recorte dessas relações que interessa a este estudo será desenvolvido ao longo da Introdução.

animais e, no entanto, “foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição do humano ao longo dos séculos no mundo ocidental” (MACIEL, 2016, p. 16).

Para diferentes estudiosos, a ruptura decisiva entre os mundos animal e humano foi instituída pela filosofia de Descartes, em meados do século XVIII, a partir da dualidade alma/corpo: para o autor, apenas o ser humano seria abençoado com alma, o que possibilitaria a ele uma experiência na esfera terrestre mais próxima do divino; os animais, por outro lado, seriam comparáveis a autômatos, uma vez que consistiriam apenas em corpos respondendo a estímulos mecânicos.<sup>3</sup> Surgem, com isso, dicotomias recorrentes que deslocam animais e humanos para extremos opostos: racionalidade contra irracionalidade; consciência contra instinto; civilidade contra selvageria; alma contra vazio. O humano é elevado a uma personificação do divino, enquanto o animal passa a ser símbolo de bestialidade, de objeto sem *anima*.

Assim, características que remetem a um estado de animalidade passam a ser consideradas inferiores, abjetas. Isso cria não só uma rejeição do mundo animal e de tudo aquilo que ele representa, mas uma crença de que o humano, em sua posição superior ligada a uma ideia exclusiva de racionalidade, tem o direito divino de subjugar o mundo animal. É esse o modelo de pensamento que pode ser visto, com foco nos últimos séculos, através do domínio do homem sobre a natureza, de forma geral, e sobre os animais em particular, em um *crecendo* que, hoje, tem seu ápice nas extinções em massa de espécies selvagens e nos confinamentos colossais que compõem a agroindústria.

É interessante refletir sobre os mecanismos que envolvem o funcionamento da máquina agropecuária na medida em que é em um cenário de prenúncios pandêmicos ignorados e do estilo de vida capitalista aplicado ao modo como se cria e se consome animais – e, como se verá, humanos – que a escritora argentina Agustina Bazterrica<sup>4</sup> publica o romance distópico *Cadáver Exquisito* (2018), foco de análise do presente trabalho. Na história, após o surgimento de um vírus letal que ataca animais, há uma necessidade mundial

---

<sup>3</sup> Cf. FERREIRA, E. (2005) “Metáfora animal: a representação do outro na literatura”, **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 26, p. 119-135, Brasília. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: [shorturl.at/xzO39](http://shorturl.at/xzO39); MACIEL, M. E. Literatura e animalidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016; SELIGMANN-SILVA, M. Compaixão animal. **Aletria**: revista de estudos de literatura. V. 21, n. 3, p. 39-51, dez. 2011. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: [shorturl.at/HLNS0](http://shorturl.at/HLNS0).

<sup>4</sup> Agustina Bazterrica nasceu em Buenos Aires, em 1974, e é licenciada em Artes pela UBA. Até o momento de redação deste texto, havia publicado os livros *Matar a la niña* (2013), *Antes del encuentro feroz* (2016), *Cadáver Exquisito* (2017) e *Diecinueve garras y un pájaro oscuro* (2020). Entre os prêmios recebidos pela autora, destaca-se o Premio Clarín de Novela, obtido em 2017 com a obra *Cadáver Exquisito*, pelo qual foi publicada no mesmo ano pelo selo Clarín-Alfaguara. Foi curadora de arte e gestora do Ciclo de Arte Siga al Conejo Blanco de 2015 a 2020, e atualmente leciona oficinas de leitura e escrita. Fonte: <https://www.agustinabazterrica.net/>. Acesso em abril de 2022.

de eliminá-los da Terra como forma de contenção da doença e dos perigos que ela pode trazer à humanidade. No entanto, com a falta massiva de proteína animal, casos de morte de pessoas começam a aparecer – primeiro, isoladamente; logo depois, sob o incentivo e a proteção de governos para aliar a necessidade de vender e consumir carne à solução de problemas como fome, pobreza e superpopulação. Ao processo de institucionalização do canibalismo dá-se o nome de Transição e, com ela, a criação de humanos para abate, nos moldes do que hoje se vê na agroindústria, passa a ser lei. A partir desse momento, “a sociedade ficou dividida em dois grupos: os que comem e os que são comidos” (BAZTERRICA, 2018, posição 2374)<sup>5</sup>. O leitor acompanha esse mundo pós-apocalíptico da perspectiva de Marcos Tejo – enunciada na terceira pessoa do discurso por um narrador onisciente –, um homem deprimido que, enquanto lida com problemas pessoais, gerencia o grande frigorífico Krieg e se ocupa diariamente do manejo e da morte de humanos para consumo.

Com a consolidação do novo sistema canibal, surgem mudanças profundas na sociedade permeadas pela violência que perpassa o ato de comer os próprios semelhantes. Essa violência atravessa diferentes níveis do cotidiano e entende-se que é preciso que ela seja naturalizada para que as engrenagens sociais se mantenham funcionando. Nesse sentido, tanto a nível pessoal – do ponto de vista do protagonista – quanto a nível institucional, a brutalidade da separação entre humanos-pessoas e humanos-bichos (referidos, na obra, como “cabeças”) é maquiada por diferentes mecanismos que trazem consequências negativas para a sociedade.

É a partir da análise desses mecanismos e, em seguida, das consequências que eles trazem para a sociedade de *Cadáver Exquisito* que se organiza o presente trabalho. Essa leitura busca também levar em conta um aspecto importante da obra: o fato de que, por se configurar como distopia, ela faz parte de um rol de textos literários que compartilham – através de mecanismos diferentes – a carga simbólica comum de funcionarem como *alerta*. Para o crítico Leomir Hilário (2013), a literatura, de forma geral, ao traduzir a realidade a partir de um olhar único que propõe formas de experienciar o contexto social, serve como mecanismo de estudo das forças que compõem uma sociedade em um tempo determinado. A obra distópica, especificamente, promove essa operação analítica ao exagerar tendências ruins do presente que, no futuro, podem ser desastrosas (seja à espécie humana ou a outro aspecto narrativo). Assim, ela “busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à

---

<sup>5</sup> Até a conclusão desta pesquisa, em maio de 2022, *Cadáver Exquisito* não havia sido traduzido para o português. Por isso, todos os trechos da obra aqui utilizados resultam de tradução livre própria, com o objetivo de homogeneizar a leitura do trabalho e apresentar a narrativa ao leitor brasileiro. No período de revisão da pesquisa, uma tradução foi lançada pela editora Dark Side, em julho de 2022.

catástrofe e barbárie” (HILÁRIO, 2013, p. 207) e, por isso, podem ser entendidas como “avisos de incêndio”.

Em um primeiro momento, serão analisadas as formas como a distopia se organiza em torno da cisão abissal entre humanos e animais para permitir o canibalismo institucionalizado. O foco do primeiro capítulo será, desse modo, entender, nos níveis conceitual e narrativo, os sentidos em que os personagens da obra são levados a aceitar a Transição. A partir da animalização dos humanos destinados ao consumo, da manipulação da linguagem e da ocultação dos espaços de ambiguidade do sistema, vê-se que o mundo de *Cadáver Exquisito* busca fazer com que as pessoas se esqueçam de que estão comendo seus semelhantes para que um sistema antropofágico seja possível.

Em seguida, no segundo capítulo, o foco recairá sobre as consequências da reformulação promovida pela Transição. Entende-se que a ruptura brutal com a ideia tradicional de humanidade opera mudanças físicas e simbólicas nos espaços de convivência humana que podem resultar em transtornos psicossociais como o luto generalizado. Além disso, ela abre espaço para que a segurança quanto ao próprio corpo seja desestabilizada, tornando-o terreno de disputa em questões relacionadas ao sacrifício e à impossibilidade de rituais voltados para uma boa convivência com a morte.

Por fim, no último capítulo, pretende-se discutir as leituras possíveis a partir das quais a obra de Bazterrica pode ser associada à função crítica das produções ligadas ao gênero distópico – aos “avisos de incêndio”. Fundamentada em aspectos recorrentes em distopias, como o medo coletivo e o controle populacional, será empreendida uma breve análise de temas recorrentes na obra para propor seus possíveis impactos no leitor.

A escolha de *Cadáver Exquisito* como norte desta pesquisa foi motivada tanto por sua complexidade temática quanto pela relevância das discussões que possibilita. A obra, por reunir diversos temas concernentes aos modos de vida atuais – principalmente, é certo, à experiência coletiva de uma pandemia viral sem precedentes – em representações sagazes que compõem seu cenário, sua narração e seus personagens, dialoga com um estado de alerta cada vez mais presente nos debates acerca do sistema sócio-político-econômico vigente e suas consequências para vidas (não só humanas) no planeta. Com isso, pretende-se não apenas analisar, em um viés literário, o trabalho de Bazterrica, mas incentivar reflexões acerca do que significa ser humano em um mundo progressivamente comprometido pela própria humanidade.

## CAPÍTULO I: RELAÇÕES HUMANAS E ANIMAIS EM *CADÁVER EXQUISITO*

Muito do que chama atenção em *Cadáver Exquisito* é o quanto o livro ronda em torno de um inquietante núcleo de questionamentos acerca dos limites entre humanos e animais. Uma vez que o grande eixo norteador da obra e do universo distópico que ela retrata é o consumo institucionalizado de carne humana, são perceptíveis diferentes artifícios criados para dar sustentação ao universo canibal em que o protagonista Marcos Tejo vive e naturalizá-lo. O que é comum a todos esses artifícios é um intrincado processo de *animalização* – entendida, nesse contexto, como sinônimo de *rebaixamento*, conforme será visto – do ser humano (mais especificamente, das “cabeças”<sup>6</sup>) de forma a possibilitar a compra de sua carne. Este capítulo se organiza precisamente nesse sentido: o de entender de que maneiras a diferenciação entre humanos e animais opera, a partir de mecanismos já conhecidos na realidade, para tornar possível sua inferiorização e seu consumo – e de que forma esse sistema de pensamento parece ser questionado no livro a partir de zonas cinzentas de ambiguidade humana/animal.

Como visto brevemente na Introdução, a visão do humano sobre si mesmo foi amplamente constituída ao longo do tempo a partir de sua diferença (ou, no caso de grupos específicos perseguidos historicamente, de sua semelhança) com animais. A divisão definitiva na tradição do pensamento ocidental entre *nós* humanos e *os outros* animais se consolida na esteira da visão de mundo judaico-cristã que cria um abismo mais profundo: *nós*, próximos do divino, e *eles*, bestas sob tutela da humanidade. Com isso, vigora um sentimento bem fundamentado de superioridade em relação aos seres outros-que-humanos (e, no caso de *Cadáver Exquisito*, do humano-não-tão-humano) que justificou a dominação de animais por humanos até o ponto que, hoje, é visto na base da agroindústria. O que se busca investigar, aqui, é a forma como os processos retratados na narrativa de Bazterrica parecem partir precisamente desses pressupostos para funcionar. Em outras palavras, observa-se na obra que, para que a sociedade se sinta confortável em consumir a carne da própria carne, é preciso que

---

<sup>6</sup> Interessa destacar que o termo “cabeças” (*cabezas*, no original em espanhol) é comumente usado para referir-se aos animais – geralmente, o gado bovino – que são vendidos, leiloados e abatidos na indústria agropecuária; sua utilização é ligada meramente ao montante de bichos comercializados. Na obra de Bazterrica, no entanto, a expressão cria um paradoxo: embora aspire a uma neutralidade quantitativa, ela remete também à parte do corpo humano relacionada ao intelecto, àquilo que o privilegia em relação ao restante dos animais.

os humanos destinados ao abate passem a ocupar o lugar que, antes da pandemia do vírus desconhecido, ocupavam os animais.

O agravante do sistema de pensamento que legitima práticas de exploração do animal como bem de consumo é que, em certa medida, ele abre espaço para que elas se estendam também aos grupos de seres humanos que, como os animais, são considerados inferiores. Como se sabe, há diferentes grupos historicamente oprimidos que ainda hoje recebem tratamentos abjetos comparáveis apenas àqueles destinados a seres tidos como bestas. Corroborando essa visão, Maria Esther Maciel concebe, a partir dos estudos de Montaigne, que é análoga “a crueldade dos homens contra os animais e a crueldade dos homens contra os próprios homens” (MONTAIGNE, 2006, p. 152 apud MACIEL, 2016, p. 34). No sistema social vigente, portanto, *animalizar* corresponde a *validar* práticas de opressão sistêmicas. Trata-se, segundo Ermelinda Ferreira (2005, p. 123), da “metáfora animal”, entendida como

a radical separatividade dos pólos humano e animal, sugerindo que nenhuma dessas condições – a subjugação ou a exploração do outro – são dignas de serem consideradas “humanas”, no patamar de soberania intelectual, moral e ética em que a humanidade se coloca; embora sejam perfeitamente aceitáveis em se tratando de “animais”. A metáfora é inquestionável: animais são seres inferiores e, como tais, passíveis de serem subjugados e explorados, mortos e devorados, prestando-se, por isso, para representar criticamente, na arte e na literatura, essas atitudes indesejáveis.

Importa refletir sobre aquilo que, como tradição, se construiu em torno da rejeição do animal uma vez que o universo de leis e costumes que rege *Cadáver Exquisito* se organiza em grande medida em torno do princípio de superioridade do humano em detrimento do animal (ou, mais especificamente, da *cabeça*). Na obra, processos extremos de animalização servem, de fato, ao propósito de representar “atitudes indesejáveis”: é precisamente a partir de ferramentas de animalização que o canibalismo retratado por ela vinga e, como será visto, leva a reflexões acerca das formas como humanos já são, de certa forma, fagocitados por um sistema canibal na realidade. A seguir, serão descritos trechos-chave para essa análise.

### **Ferramentas de animalização**

O enredo se organiza a partir de um narrador onisciente que relata o ponto de vista do protagonista Marcos Tejo e de sua rotina como gerente do grande frigorífico Krieg. É interessante que a narração acompanhe Tejo porque ele, na posição de responsável pelo que denomina “circuito da carne” – o trajeto feito para visitar as fábricas fornecedoras de carne e os frigoríficos que as compram para se certificar de que as cabeças estão sendo criadas com

qualidade – possibilita uma visão privilegiada do funcionamento de todo o universo canibal da obra. Assim, o leitor acompanha com proximidade as operações de criadouros, abatedouros, açougues e outros espaços nos quais a diferenciação entre humanos e animais é institucionalizada.

De antemão, observa-se que as descrições daquilo que Tejo vivencia em seu trabalho são detalhadas e vívidas, buscando reproduzir as ferramentas que a agroindústria já utiliza, no mundo real, para lidar com a carne animal.<sup>7</sup> Isso certamente contribui para provocar sentimentos de horror e abjeção que, pensa-se, funcionam em grande medida para criar a atmosfera muitas vezes repulsiva da obra.<sup>8</sup> Ademais, é a partir dessas descrições em detalhe que o leitor não só vislumbra as engrenagens do sistema canibal, como também o concebe como possível – afinal, as burocracias aplicadas ao processo fictício pouco diferem daquilo que já se conhece da agroindústria.

Há diferentes momentos-chave nos quais se tem contato direto com a produção de carne humana na maneira como Marcos Tejo a experimenta. O primeiro deles se dá em uma visita ao criadouro chamado Tod Voldelig, um de seus clientes, onde participa de um *tour* guiado por El Gringo, o dono do empreendimento, para um potencial novo cliente alemão, Egmont, que busca exportar cabeças para a Europa. O fato de o cliente ser novato nessa área de negócios interessa como ferramenta literária, já que, por conta disso, El Gringo fornece explicações básicas sobre o processo de criação – e, conseqüentemente, de animalização – das cabeças, inserindo o leitor diretamente no sistema em que Tejo trabalha e expondo a verossimilhança com a indústria de carne real.

El Gringo dá início à visita guiada explicando a estrutura básica do criadouro – que, em suas palavras, é “um grande armazém vivo de carne” (BAZTERRICA, 2018, posição 179) –, formado por várias jaulas individuais. Cada cabeça ocupa, nua, uma jaula, como forma de evitar episódios de violência ou mesmo de canibalismo entre si – o que, a Tejo, soa irônico: trata-se da “carne que come a carne” (ibidem, posição 185). As jaulas têm sistemas de alimentação próprios e são abastecidas com palhas nas quais as cabeças evacuam e dormem.

---

<sup>7</sup> Isso, de fato, foi parte fundamental da pesquisa de Bazterrica para compor a narrativa. Como pode ser visto no artigo de Grade, Bueno e Guizzo (2020), “a escritora examinou exaustivamente vídeos técnicos da indústria frigorífica – ‘vi [a autora Agustina Bazterrica] muchos videos institucionales. Me acuerdo uno que solo era la parte de tripería, como trabajan con las tripas’”.

<sup>8</sup> Esses sentimentos, inclusive, são reproduzidos por meio dos próprios personagens. Em uma passagem em que Tejo apresenta um frigorífico a candidatos para trabalhar no local (a ser descrita a seguir), mostrando todas as partes do processo de matar cabeças, um deles sente enjoo ao ouvir explicações detalhadas sobre a produção da carne: “O [candidato] mais alto está um pouco pálido. Ele [Tejo] crê que não vai suportar o que vem em seguida, que provavelmente vomite ou desmaie. [...] Sempre acontece isso com o candidato mais fraco. Precisam do dinheiro, mas isso não é suficiente.” (BAZTERRICA, 2018, posição 657).

Há, como o dono do criadouro explica, diferenças entre os tipos de cabeças criadas em seu estabelecimento: as comuns, que são submetidas a diversos processos artificiais de melhoramento da carne, e as PGP (Primeira Geração Pura), espécimes criados em cativeiro sem qualquer tipo de intervenção. Essas cabeças são fruto de inseminações artificiais feitas a partir do sêmen de *padrillos*<sup>9</sup>, visando ao melhoramento genético. Machos e fêmeas menos valiosos, com qualidade genética inferior, são destinados a passar por processos de inseminação ou retirada de fluidos artificiais: “o restante dos *padrillos* está destinado a encher de sêmen as latas nas quais o recolhem para a inseminação artificial (BAZTERRICA, 2018, posição 188). O procedimento seria necessário para manter o controle sobre a reprodução das cabeças de forma a gerar crias com menos enfermidades e com qualidades mais homogêneas para serem vendidas.

Chama a atenção que os *padrillos*, além de exercerem a função de oferecer material genético de qualidade para as fêmeas mais valiosas, também servem a outro propósito específico ligado à reprodução. Segundo El Gringo, eles conseguem identificar as fêmeas que estão em período fértil e, no vernáculo rural/industrial, “montam-nas” para que fiquem mais satisfeitas e relaxadas. Ao ouvir essa explicação, o cliente alemão ri sozinho e comenta que considera os *padrillos* sortudos por terem apenas essa função reprodutiva – “que boa vida levam” (BAZTERRICA, 2018, posição 205). El Gringo, em contrapartida, sente asco com a comparação, pensando: “como é capaz de se comparar a uma cabeça? Como pode desejar ser isso, um animal?” (ibidem).

É interessante que os criadouros recorram à relação sexual como forma de amansamento das cabeças – sempre com o objetivo de aprimorar a qualidade e o sabor de sua carne, ressalta-se – na medida em que, entre humanos, a prática, quando ligada puramente ao prazer, exerce a mesma função. Não à toa, o cliente alemão faz uma piada acerca dessa semelhança, evidenciando que, a seu ver, o sexo é gratificante a ponto de possibilitar, mesmo que simbolicamente, a ocupação do mesmo espaço que as cabeças (o que, em outra situação, seria considerado aviltante). Paradoxalmente, observa-se também que, entre humanos, a relação sexual é muitas vezes ligada à animalidade, tendo em vista que aciona desejos e atitudes tidos como primitivos e instintivos na busca pelo prazer.<sup>10</sup> No diálogo entre El Gringo

---

<sup>9</sup> O termo pode ser traduzido como “ganhões”. É amplamente utilizado entre criadores de cavalos no mundo real para designar machos de alta qualidade genética destinados à reprodução.

<sup>10</sup> Em outros momentos-chave da obra, essa percepção se confirma: no capítulo 18 da primeira parte, por exemplo, é narrada uma cena de sexo animalizante entre Tejo e a personagem Spanel, dona de um açougue com o qual trabalha. Em meio a membros humanos cortados e ao sangue que escorre da mesa de trabalho de Spanel, os dois se envolvem em um sexo rápido, violento, desprovido de sentimentos que vão além do puro desejo – remete-se apenas ao instinto carnal. A autora recorre a descrições de mordidas fortes, um beijo que é “voraz, ao

e Egmont, então, o sexo abre um espaço de comunicação entre humanos e humanimais, evidenciando o que eles, por mais que se negue, têm em comum.

Em seguida, El Gringo detalha ao cliente outra forma encontrada pelo sistema para despir as cabeças de humanidade: privá-las de linguagem. O homem explica que as cabeças são isoladas desde pequenas para que não se comuniquem entre si e que “removem suas cordas vocais e assim podem controlá-las mais” (BAZTERRICA, 2018, posição 210). Elas conseguem se comunicar de modo rudimentar, mas não têm oportunidade ou possibilidade física de desenvolver a linguagem da mesma forma que humanos – afinal, “ninguém quer que [as cabeças] falem, porque a carne não fala” (ibidem, posição 216). Pode-se dizer que a medida contribui para que as cabeças não sejam vistas como humanas – o que possibilita uma desconexão necessária do ser vivo a ser comida –, pois a linguagem, na forma complexa como é usada pelos humanos, foi sempre um traço entendido como exclusivo da espécie, usado para distingui-la dos outros animais. Tejo, inclusive, percebe nisso um traço de alienação enquanto observa uma das cabeças em sua jaula, como se despir um ser humano de linguagem equivalesse a despi-lo de racionalidade: “[a cabeça] tem um olhar turvo, como se atrás da impossibilidade de pronunciar palavras espreguissasse a loucura” (ibidem, posição 219).

Por fim, a última sessão da visita de El Gringo passa por uma zona com cabeças prenhas e amamentando. Parte das primeiras é destinada a um processo invasivo de recolhimento de sangue – ao que parece, “os usos do sangue das prenhas são infinitos” (ibidem, posição 226). Já as segundas têm seu leite sugado por máquinas por todo o período em que o produzirem. Tanto as prenhas quanto as leiteiras têm vida útil curta: por serem submetidas a processos dolorosos e estressantes, contraem doenças ou se tornam anêmicas, e logo são destinadas ao abate. Muitas delas, além disso, vivem com os braços e pernas amputados. Em um momento incômodo, quando passa por jaulas com esse tipo de cabeças, Tejo reflete: “sabe que em muitos criadouros se desabilita as [cabeças] que matam seus fetos golpeando a própria barriga contra as grades, deixando de comer, fazendo o que for preciso para que esse bebê<sup>11</sup> não nasça e morra em um frigorífico. Como se soubessem” (ibidem, posição 243).

É interessante notar também o processo burocrático ao qual as instituições do circuito da carne são submetidas. Em uma conversa particular durante a visita guiada, por exemplo, El

---

princípio, raivoso” (BAZTERRICA, 2018, posição 950), uma busca por “fazer sofrer” (ibidem), e gritos descontrolados e animalescos.

<sup>11</sup> Aqui, a escolha da palavra “bebê” (no original, *bebé*) oferece um vislumbre do mundo humano invadindo o mundo animal, uma vez que o vocábulo é geralmente usado apenas para se referir a filhos de humanos – para descrever frutos da reprodução animal, é comum falar apenas em “filhotes”, “crias”.

Gringo e Tejo discutem os trâmites legais relacionados ao transporte de cabeças para o abate, pois El Gringo enviou um lote de má qualidade ao frigorífico Krieg. Isso leva Tejo a assumir uma postura empresarial, referindo-se à questão mercantil do transporte: “ninguém espera que [as cabeças] viajem sentadas na primeira classe, mas não as amontoe como sacos de farinha porque desmaiam, batem a cabeça e, se morrem, quem paga? Além disso, se machucam e depois os curtumes pagam menos pelo couro” (ibidem, posição 250).

El Gringo, depois de assegurar ao parceiro que a má gestão não acontecerá novamente, passa a explicar questões comerciais ao cliente alemão: “deve-se investir em vacinas e remédios para mantê-las saudáveis. Muito antibiótico. Todas as minhas cabeças estão com os papéis em dia e em ordem” (ibidem, posição 258). Percebe-se, com falas como essas, a forma como a criação dos humanos de abate é, ao fim e ao cabo, intimamente ligada à esfera comercial: é preciso que empresas e indústrias ligadas à produção de carne cumpram diversas burocracias no tratamento, no transporte e na venda das cabeças. Isso serve, em certo sentido, para desumanizá-las, uma vez que, assim como animais de consumo, são reduzidas a papeladas legais e transações comerciais. Paradoxalmente, isso também as insere em um círculo de medicalização que, embora tenha fins voltados ao lucro e à mobilização da indústria farmacêutica, remete a cuidados de saúde, feitos com fármacos como vacinas e antibióticos, destinados em outra escala aos humanos.<sup>12</sup>

Outro momento-chave na obra para entender o processo de animalização das cabeças se dá quando Tejo, em um dia de trabalho no frigorífico Krieg, explica como funciona o processo de abate e processamento da carne a dois candidatos a vagas de emprego no local. Semelhantemente ao episódio com El Gringo, o protagonista participa de uma visita guiada que dá ao leitor um vislumbre do funcionamento da indústria canibal. No entanto, o objetivo de Tejo não é convencer um cliente a fazer negócios, como pretendia El Gringo; dessa vez, ele busca testar a capacidade dos candidatos de lidar com o abate de humanos. Para isso, recorre a uma linguagem protocolar e alienante ao se referir às cabeças – o que, observa-se, não é suficiente para excluir o fato de que se trata do sacrifício diário e em grande volume de humanos animalizados.

---

<sup>12</sup> Interessantemente, o tratamento agroindustrial da carne com antibióticos e vacinas é ligado, na literatura da área, ao surgimento de superbactérias – como se vê atualmente com a pandemia de coronavírus – que anunciavam há tempos a possibilidade de uma epidemia global (e preveem outras que sucederão a de Covid-19). Na análise de Rob Wallace (2020, p. 123), “hoje em dia, os vírus influenza surgem por meio de uma rede globalizada de produção e comércio corporativo de animais confinados, onde quer que surjam cepas específicas. Com rebanhos e manadas levados de região para região [...], várias cepas de influenza são continuamente introduzidas em localidades cheias de populações de animais suscetíveis. Esse efeito dominó de exposição pode ser como combustível para a evolução da virulência viral. Ao se sobrepor ao longo dos elos das cadeias transnacionais de suprimentos de agronegócio, as cepas de influenza também aumentam a probabilidade de trocar segmentos genômicos para produzir um rearranjo de potencial pandêmico”.

Conforme Tejo explica aos candidatos, há diferentes tipos de marcações feitas nas cabeças para identificá-las no momento de sacrifício. As marcas, que variam em cor e forma, indicam diferentes destinos: há cabeças a serem enviadas a terrenos de caça, a serem vendidas a preços maiores por sua qualidade e a serem mortas conforme o protocolo comum. Estas devem ser submetidas a uma dieta líquida por alguns dias antes de morrerem, para que eliminem toxinas do corpo e, assim, haja menos risco de contaminação da carne no momento do abate. Uma vez desintoxicadas, são colocadas em boxes esterilizados e aturdidas com marretadas ou tiros na testa – de acordo com Sérgio, um dos aturridores do frigorífico, é necessário que elas sejam enviadas ao sacrifício desmaiadas, e não mortas, para não estressar a carne, o que é caracterizado por Tejo como “o gesto automático e desapaixonado de abater humanos” (BAZTERRICA, 2018, posição 707).

Em seguida, o grupo se dirige à sala de abate. Embora o ambiente seja descrito como estéril – inteiramente branco, com pessoas que usam uniformes brancos – para inspirar sensações de limpeza e pureza, as paredes e os aventais dos funcionários têm manchas permanentes de sangue seco. Lá, as cabeças desmaiadas são inseridas em esteiras automáticas penduradas pelos pés, nas quais permanecem por todo o processo de preparação da carne, e são degoladas para passar pela etapa de dessangramento, feita sobre grandes bacias. Depois, são escaldadas em água fervente e, então, são depiladas e descouradas. A próxima sala é a de corte, na qual as cabeças são desmanteladas e desossadas; na sequência, têm as vísceras retiradas e, por fim, chegam ao estado final: “sem a pele e sem as extremidades, está por converter-se em um pedaço de carne” (ibidem, posição 765).

Uma vez na esteira de produção, as cabeças vão perdendo aos poucos a forma humana e, a cada etapa, aproximam-se mais da forma animal: o corpo passa por dessangramento, desmembramento, desossamento, descouramento; a pele é cozida, cortada, curtida; os membros são separados, limpos, refrigerados. O processo é descrito por meio de uma justaposição de verbos que, progressivamente, reduzem a cabeça ao produto final: “[os homens] veem como limpam os estômagos vazios e rompidos, como os secam, os reduzem, os cortam em tiras e os comprimem [...]. Em outra sala menor, veem as vísceras vermelhas penduradas em ganchos. Revisam-nas, lavam-nas, conferem-nas, guardam-nas” (ibidem, posição 781). Ao fim, o que é encaminhado para a venda em supermercados e açougues tem, no geral, aparência muito semelhante aos pedaços de carne animal comercializados na realidade. Observa-se, nesse sentido, algo como uma dessacralização do corpo humano, transformando-o em não-tão-humano – uma vez bestializado e objetificado, é despossuído da dignidade reservada às pessoas de fato.

Há, como se pode ver, toda uma gramática da indústria da carne que contribui para a desfiguração do fator humano no processo – mas que, ao mesmo tempo, o mantém como uma presença fantasma, na medida em que é impossível apagar visualmente a semelhança biológica entre cabeças e humanos. Mais que isso, há uma profusão de signos nos sistemas de representação da obra que remetem à sombra do humano: o policiamento das burocracias que buscam tornar objeto a carne produzida; a loucura que Tejo percebe no olhar das cabeças, tão característica do humano; o esforço das fêmeas que, em gestação, têm lapsos de consciência humana que usam para tentar salvar seus bebês. Assim, o lastro do humano espreita o processo de produção da carne, por vezes desestabilizando as pessoas nele envolvidas – quando trabalha nos frigoríficos ou açougues, Tejo sente constantemente algo como “um cansaço que poderia matá-lo” (BAZTERRICA, 2018, posição 657), um desejo de “anestesiá-lo e viver sem sentir nada” (ibidem, posição 39).

Pode-se traçar um paralelo com o que a escritora Suely Rolnik estabelece como *políticas de subjetividade*. Em sua visão, os modos de constituir-se como sujeito – ou seja, de pensar, agir, sentir, afetar-se e ser afetado – são definidos conforme o sujeito entra em contato com novos meios – novas “cartografias existenciais” – que, ao forçarem-no a se remoldar e a questionar os modos de existência já conhecidos, dão pulsão à própria vida. Isso é absorvido por sistemas políticos, o que abre espaço para a consolidação de grandes fluxos de criação do ser. A partir dessa absorção, “é por meio de um determinado modo de subjetivação que um determinado regime sociocultural, seja ele qual for, toma corpo; ou seja, a cada regime corresponde uma *política específica de produção de subjetividade*” (ROLNIK, 2021, p. 23, grifo nosso). Estendida a uma análise de *Cadáver Exquisito*, pode-se conceber o sistema antropofágico como produtor de subjetividades a partir da diferenciação entre pessoas e cabeças: uma pessoa é todo e qualquer humano que, conforme decisões arbitrárias do governo, não é destinado ao abate de forma sistêmica para ter sua carne consumida por seus iguais.

Ao mesmo tempo em que o humano é apagado da carne de forma a determinar a cadeia alimentar da sociedade, existe também um fantasma de sua presença naquilo que o romance deixa pairar. O sistema de representações e subjetividades construído para possibilitar uma antropofagia capitalista parece projetar sempre a sombra daquilo que a narrativa não deixa dizer, expondo, como visto, uma miríade de práticas e símbolos que questionam se a humanidade pode de fato ser extirpada do corpo transformado em cabeça. Entrevê-se, nesse viés, o assombro do humano em sua oposição com o animal, o que possibilita a contestação das representações do sistema que rege a narrativa – pelo leitor, pelas

reflexões incorporadas pelo protagonista e, como se verá em seguida, pelas desestabilizações que provoca no sistema.

### A “carne especial” e a reformulação do discurso canibal

Como visto, o sistema político-econômico-social de *Cadáver Exquisito* se ergue sobre as bases da bestialização do humano: para que a sociedade consumidora aceite a carne humana como mercadoria desejável, ela precisa, em primeiro lugar, esquecer-se de que está se alimentando de um semelhante. A *cabeça* toma, nesse sentido, o espaço antes ocupado por qualquer outra carne de corte no período pré-vírus. No entanto, esse processo de transformar o humano em animal não se dá apenas no âmbito industrial. Nota-se também um intrincado trabalho de linguagem no universo da narrativa: é necessária uma ampla reformulação discursiva, promovida pelas esferas de poder para ocultar a realidade de seu empreendimento. Como será visto a seguir, é preciso que palavras que remetem à humanidade das cabeças sejam *proibidas* ou *reformuladas* para que, de fato, o consumidor possa pensar “carne” sem pensar “humano”.

Ao longo da obra de Bazterrica, percebe-se uma tensão a permear a disputa pelo campo semântico alimentício: de um lado, há palavras “convenientes, higiênicas. Legais” (BAZTERRICA, 2018, posição 34); de outro, há termos proibidos que, se pronunciados em público, podem resultar em prisões e até mesmo em condenações ao abate – ou seja, no envio compulsório ao Matadouro Municipal. Como logo se entende, as palavras “convenientes” são as que, de diferentes formas, criam novas realidades de consumo e trabalho, enquanto as proibidas são aquelas que remetem à humanidade das cabeças. Nesse sentido, “o consumo ocorre através do esquecimento forçado e [da] exploração humana causada pela produção da mercadoria” (BUENO, 2021, p. 70).

Inicialmente, pode-se pensar na higienização do canibalismo a partir da própria denominação de “Transição” ao período de adaptação ao novo sistema. Essa palavra específica parece fazer referência a algo não necessariamente negativo, mas a um acontecimento natural, refletindo a mera passagem de um estado a outro. O protagonista Marcos Tejo, contudo, discorda da neutralidade da palavra, pois reconhece em sua escolha uma redução ilusória da realidade brutal em que vive e reprova sua adoção:

muitos naturalizaram aquilo que os meios de comunicação insistem em chamar de ‘Transição’, mas ele não, porque sabe que transição é uma palavra que não evidencia o quão curto e desapiadado foi o processo. Uma palavra que resume e

cataloga um feito incomensurável. Uma palavra vazia (BAZTERRICA, 2018, posição 38).

Da mesma forma, a seleção do termo “cabeça” para caracterizar os humanos de abate evidencia um esforço para expurgar dos diálogos cotidianos noções violentas que remetam ao consumo de um semelhante. Nesse sentido, utilizar para se referir a humanos uma palavra que, no mundo agropecuário pré-pandêmico, já era usada para nomear animais – expressões como “cabeça de gado” e “cabeça de boi”, por exemplo, são comuns no vocabulário rural –, mantém entre as pessoas-de-fato e as pessoas-de-consumo uma distância limpa e burocrática. Assim, os trabalhadores da indústria da carne não precisam lidar com a realidade brutal do canibalismo, apenas com os protocolos de tratamento com os quais, antes da Transição, já estavam habituados. Por conseguinte, as pessoas que buscam comprar cabeças para fins como a criação doméstica também se afastam da concretude que o nome “humano” associado ao objeto “carne” poderia trazer.

Em um momento da narrativa, Tejo, inclusive, reflete sobre a diferença entre cabeças e pessoas a partir do vocabulário usado para descrevê-las. Como ele explica, “ninguém pode chamá-las [as cabeças] de humanos, porque isso seria dar-lhes entidade, chamam-nas de produto, ou carne, ou alimento” (ibidem, posição 90). Para lidar com essa necessidade de apagamento, foram criadas, pelas empresas, diversas novas formas de ocultar do consumidor aquilo com que não deve ter contato. Quando a carne animal, antiga, deixa de existir, a carne humana passa a ser chamada “carne especial”: “deixou de ser somente ‘carne’ para passar a ser ‘lombo especial’, ‘costela especial’, ‘rim especial’” (ibidem, posição 87). Isso pode ser observado na obra, por exemplo, quando o protagonista assiste a uma propaganda na televisão que retrata uma família tradicional – uma mãe bonita, um pai bem apessoado, duas crianças saudáveis – participando de um banquete. A matriarca se direciona à câmera para dizer: “eu dou à minha família alimento especial, a carne de sempre, mas mais saborosa” (ibidem, posição 85).

Para Tejo, o problema em falar “carne especial” é, precisamente, o apagamento que promove – trata-se, como ele critica de forma geral, do uso de “palavras que encobrem o mundo” (ibidem, posição 33). Como se pode presumir, ao acionar o adjetivo “especial”, são mobilizadas ideias positivas – aquilo que é especial é mais gostoso, mais exclusivo e desejável –, ao mesmo tempo em que é desprezado tudo aquilo que não cabe em sua esfera de

importância – a saber, a carne antiga, a animal, a que nunca foi tão elevada quanto a humana.<sup>13</sup>

Por conta de seu incômodo, o protagonista refuta o novo vocabulário e “não fala carne especial. Ele usa as palavras técnicas para referir-se a isso que é um humano, *mas nunca vai chegar a ser uma pessoa*, a isso que é sempre um produto” (ibidem, posição 87, grifo nosso). O que se pode inferir, a partir dessa diferenciação, é a constatação de um caráter qualitativo no campo semântico, tendo em vista que “humano” pode ser qualquer corpo que, a nível biológico, apresente as características da espécie; mas “pessoa”, por outro lado, é um estatuto possível apenas para aqueles que são reconhecidos pela sociedade, ou seja, que não são (embora possam vir a ser, conforme determinações punitivas dos governos) destinados ao abate. Tornar-se pessoa e poder ser chamado como tal, portanto, é impossível a quem nasceu como cabeça.

Em outro momento interessante da narrativa, a distinção entre pessoas e cabeças é retratada no discurso da irmã de Tejo, Marisa. Como se infere a partir dos pensamentos do protagonista, os irmãos compartilham uma relação superficial, pouco próxima: a irmã, além de ter uma personalidade que o protagonista despreza, é apresentada como consumidora alienada, que aceita sem questionamentos os discursos oficiais sobre canibalismo e “carne especial” repudiados por Tejo. Por conta disso, é através de uma de suas falas que se vislumbra a separação pretendida pelo sistema antropofágico.

Em um almoço na casa da irmã, a que Tejo comparece movido por um sentimento de obrigação familiar, seus sobrinhos propõem um jogo chamado *Cadáver Exquisito*<sup>14</sup>, que consiste em hipotetizar que gosto a carne de uma pessoa teria se ela fosse comida. Marisa repreende a proposta e reclama: “estou farta desse jogo. Não se come pessoas. Ou vocês são selvagens?” (BAZTERRICA, 2018, posição 1094). Ironicamente, a cena acontece enquanto os sobrinhos comem pedaços de rim humano servidos na refeição, evidenciando que as

---

<sup>13</sup> Percebe-se que o adjetivo “especial” recupera esses sentidos também no mundo real: em açougues e supermercados, é comum que os pedaços de carne animal “especiais” sejam os cortes mais nobres, considerados mais macios ou ricos em sabor.

<sup>14</sup> Trata-se de um jogo de palavras: em espanhol, “exquisito” significa “saboroso”, “delicioso”. O título do livro faz referência à brincadeira das crianças, mas também, como fica claro, ao ato de degustar de um cadáver humano. Fora da narrativa, a expressão “cadáver esquisito” remete ao jogo surrealista de mesmo nome (no francês, “cadavre exquis”), surgido em 1925 em um encontro entre André Breton, Tristan Tzara e outras figuras do movimento. Ele consiste em “pegar uma folha de papel dobrada o número de vezes correspondente ao número de participantes, na qual cada um escreveria o que passava por sua cabeça sem ver o que tinham feito anteriormente seus companheiros” (PIANOWSKI, 2007, p. 2, apud ALMEIDA et al, 2006, p. 229) até compor textualmente um “cadáver esquisito”. A técnica literária remete a temas caros ao surrealismo francês, como o despreendimento de normas (da gramática, da ordem, da racionalidade) em prol da valorização do inconsciente psicanalítico. Para mais sobre o jogo, conferir o artigo “Aproximações do cadáver esquisito à performance”, disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/205>.

“pessoas” às quais Marisa se refere são apenas as que podem se sentar à mesa do almoço. Fica claro, então, que o que é degustado pela família da irmã não é uma pessoa, mas outra coisa: trata-se apenas de pedaços de carne sem entidade humana, embora sejam iguais a eles biologicamente (ecoam aqui novamente as palavras de Tejo, sobre isso que “nunca vai chegar a ser uma pessoa”).

A partir dessas mudanças vocabulares feitas pela indústria e adotadas pela população de *Cadáver Exquisito*, pode-se identificar operações no nível discursivo que levam (ou que complementam), de fato, a alterações na forma como a própria sociedade se organiza. Esse tipo de mobilização pode ser explicado, em certo sentido, de acordo com as reflexões de José Luiz Fiorin (2007) sobre o discurso – que, para o autor, pode ser entendido como a expressão dos falantes de seus pensamentos, da forma como percebem a vida. Essa expressão é marcada e determinada por ideologias, isto é, conjuntos de ideias que buscam explicar as relações humanas e sua existência dentro de formações sociais específicas, as quais, precisamente, se manifestam na forma como as pessoas elaboram o próprio discurso. Com isso, pode-se presumir que as seleções vocabulares de cada falante ou do grupo ao qual pertence refletem a formação ideológica em que estão inseridos (a qual podem, por exemplo, aceitar, questionar, recusar), uma vez que “o discurso materializa as representações ideológicas” (FIORIN, 2007, p. 34), suas visões de mundo.

Assim, quando um indivíduo ou grupo, em *Cadáver Exquisito*, aceita expressões como “carne especial” e “Transição” e as reproduz, naturalizando-as em seu cotidiano, é possível deduzir com que ideologias, com que visões de mundo está alinhado. Essa gramática do canibalismo, pensa-se, é simpática a um antropocentrismo específico, ligado a operações de consumo necessárias à manutenção do sistema capitalista que privilegiam a separação entre “pessoas” e “cabeças” para que apenas grupos privilegiados sejam vistos como a verdadeira espécie humana, a que consome e não é consumida. De forma análoga, quando os nomes dos cortes de carne passam a ser reinventados, é palpável o discurso higiênico ao qual Tejo se refere, tendo em vista que a “carne especial” não revela a brutalidade da prática que carrega; pelo contrário, instaura uma linguagem do desejo de compra por um produto superior. Fica clara a criação de novas formações discursivas que almejam recalcar a violência do canibalismo e criar realidades de consumo que só são possíveis, de fato, por conta das operações ideológicas promovidas através da manipulação da linguagem. Com elas, pode-se apagar a ideia de “humano” em benefício de outras mais agradáveis ao paladar.

Ainda assim, é relevante observar, através do protagonista, que as reformulações discursivas não passam sempre despercebidas. A narrativa faz constantes alusões ao poder do

léxico aliado ao contexto de produção canibal velada, indicando o reconhecimento de Tejo de que “há palavras que encobrem o mundo” (BAZTERRICA, 2018, posição 1418).<sup>15</sup> É notável que ele se sente pressionado pela impossibilidade de se referir ao que enxerga como canibalismo, assassinato de pessoas e brutalidade governamental – para ele, as composições do discurso são “palavras que se agarram ao corpo e só lhe causam repulsão (ibidem, posição 2001); que “apodrecem por trás da loucura” (ibidem, posição 552) do sistema. Nesse sentido, a forma como a narrativa é estruturada – do ponto de vista de Tejo, ainda que, como visto, não seja ele o enunciador – deixa entrever simultaneamente o discurso hegemônico naturalizado (assim como os vestígios de um mundo passado que ele busca apagar) e as marcas de sua produção nas pessoas que dão forma a ele. Pode-se até mesmo dizer que, de certo modo, “Marcos’s main obsession is not flesh but language: how we construct the world out of words, how we speak the unspeakable, and how we negotiate the gap between words and reality” (JORDAN, 2020)<sup>16</sup>.

Por fim, ressalta-se o esforço ativo das esferas de poder responsáveis, justamente, pela orientação dessas novas formações discursivas. Como se observa ao longo da narrativa de Bazterrica, são elas – os governos, as indústrias, as grandes mídias – as elaboradoras do discurso oficial e, dessa forma, da ideologia que ele representa. É por meio da linguagem que a realidade do canibalismo é suprimida e deixa entrever a realidade de um consumo dado como inocente, que visa apenas à alimentação nutritiva: “os campos da linguagem e da comunicação passam a ser lugares politicamente colonizados” (BUENO, 2021, p. 71). Assim, é perceptível a função basal da linguagem na manutenção do sistema canibal, uma vez que cria um fino véu de ilusão para possibilitar o apagamento de memórias desagradáveis quando as pessoas selecionam produtos (e, em teoria, nada mais) das prateleiras dos açougues e supermercados.

### **Espaços ambíguos: a animalização questionada**

Embora haja um evidente projeto das indústrias de carne para rebaixar as pessoas destinadas ao abate, inserindo-as nos espaços antes ocupados por animais como porcos, vacas,

---

<sup>15</sup> A essa realidade também se refere a própria Agustina Bazterrica, quando, em entrevista, afirma que “el lenguaje nunca es inocente, es político. [...] Lo que decimos y cómo lo decimos habla de una manera de ubicarnos en el mundo” (URRUTIBEHETY, 2020). Em tradução nossa: “a linguagem nunca é inocente, é política. [...] O que dizemos e como dizemos fala sobre uma maneira de nos colocarmos no mundo”.

<sup>16</sup> “A principal obsessão de Marcos não é carne, mas linguagem: como construímos o mundo a partir da linguagem, como dizemos o indizível, e como negociamos a lacuna entre palavras e realidade” (tradução nossa).

cavalos e galinhas, percebe-se que *Cadáver Exquisito* também trabalha com personagens e situações limiares que distorcem essa noção e colocam-na em cheque. Ao fazer isso, a obra incentiva reflexões acerca dos processos de animalização aos quais milhares de humanos são submetidos e cria uma ponte entre ficção e realidade, mostrando que as formas como humanos são consumidos literalmente na narrativa também pode corresponder, em certo sentido, a um consumo simbólico fora dela.

O primeiro eixo que distorce o mundo canibal cuidadosamente construído corresponde à existência dos chamados *Carroñeros*<sup>17</sup>, seres humanos que (sobre)vivem ao redor de estabelecimentos frigoríficos e se alimentam de cabeças que são descartadas por diferentes motivos (como doenças, manchas na pele, partes do corpo machucadas – tudo aquilo que pode interferir no gosto e na aparência final da carne). Quando as cabeças são abandonadas (geralmente, vivas) fora dos muros dos frigoríficos, os Carroñeros as desmembram com machetes e as consomem cruas, tamanha a fome que enfrentam: da carne, “levam o que podem. A eles, não importa que a carne esteja enferma, se arriscam porque não podem comprá-la. [...] É a maneira de manter os Carroñeros e a fome apaziguados. A ânsia por carne é perigosa” (BAZTERRICA, 2018, posição 631).

A presença dos Carroñeros na narrativa é constante, mas ocupa sempre o segundo plano, dado seu posicionamento marginalizado – como será visto no último capítulo do trabalho, eles estão ao final da hierarquia social justamente por passarem fome por conta do poder de compra de carne nulo. Há, no entanto, uma passagem específica em que pode ser observada toda a potência bestial desse grupo de humanos, quando, ao final da narrativa, ocorre um acidente no transporte de cabeças para o frigorífico Krieg. A descrição do que o protagonista presencia é macabra:

Um dos caminhões jaula está virado no acostamento da estrada, destruído. As portas se romperam com o impacto ou foram quebradas. Vê Carroñeros com machetes, paus, facas, cordas matando as cabeças que estavam sendo transportadas ao frigorífico. Vê desespero, fome, vê uma loucura raivosa, um ressentimento encrustado, vê assassinato, vê um Carroñero cortando o braço de uma cabeça viva, vê outro correndo e tentando enlaçar uma cabeça que escapa como se fosse um bezerro, vê mulheres com bebês nas costas machetando, cortando membros, mãos, pés, vê o asfalto cheio de vísceras, vê uma criança de cinco ou seis anos arrastando um braço (BAZTERRICA, 2018, posição 2191).

O episódio causa grande comoção no frigorífico, principalmente porque o motorista do caminhão, Luisito, foi brutalmente assassinado e comido pelos Carroñeros que causaram o acidente para raptar as cabeças. Quando Tejo tenta entender o que aconteceu, lhe respondem que nada específico engatilhou a situação – ao que parece, o ataque teria sido planejado pelo

---

<sup>17</sup> O termo pode ser traduzido literalmente do espanhol como “carniceiro”, “necrófago”, ou seja, ser que se alimenta da carne de animais mortos.

grupo necrófago para que, movidos pela fome aterradora da pobreza em que viviam, conseguissem carne em abundância: “foi como se [os Carroñeros] estivessem em transe. Como se tivessem se convertido em monstros selvagens” (ibidem, posição 2201). Como agravante, compreende-se que o episódio não pode ser corrigido pela força da lei, uma vez que os Carroñeros vivem às margens da sociedade – não têm moradia fixa ou documentos de identidade – e, portanto, não podem ser presos ou condenados. Vivem, nesse sentido, uma vida nua, às margens da cobertura de direitos e proteções providas à sociedade pelo Estado.

Assim, a partir do ataque dos Carroñeros percebe-se como nem todos os humanos que vivem fora da esteira de abate podem ser considerados, de fato, humanos. Os grupos de necrófagos são, claramente, algo outro-que-humano, tendo em vista que, movidos pela necessidade básica e primitiva da fome, cedem a comportamentos considerados animais – monstruosos – para conseguir comida. Eles habitam uma zona de indistinção<sup>18</sup>: embora integrem, simbolicamente, a sociedade, vivem nas suas margens mais excluídas; estão fora da força da lei, mas não podem ser sacrificados como cabeças, pois não foram (ainda) tão bestializados quanto elas. São, ao que parece, a forma mais animal do humano.

O outro eixo responsável por embaçar os limites entre humanos e cabeças é o que ocupa Jazmín, uma cabeça de Primeira Geração Pura presenteada a Marcos Tejo por El Gringo como agradecimento pelos bons negócios. Em um primeiro momento, Jazmín não tem nome: Tejo se refere a ela apenas como “a fêmea” e “a cabeça”, uma vez que não tem laços com ela e, na realidade, não deseja ter – amortecido pela gravidade do sistema canibal e dos descompassos de sua vida pessoal, mantém uma distância burocrática da criação de cabeças domésticas.

A narrativa constrói, paulatinamente, o mapa da vida pessoal de Marcos Tejo: antes do colapso que deu espaço para que a Transição acontecesse, seu pai era dono de um próspero frigorífico e tinha contato diário com o circuito da carne animal. Contudo, por conta da instauração do canibalismo, o pai enlouqueceu e foi internado em um asilo, o qual o filho financia sozinho (fato que, como será visto, em diferentes momentos é indicado como o único motivo pelo qual Tejo mantém seu trabalho no frigorífico El Krieg). Além disso, o protagonista também enfrenta o luto da perda de Leo, seu filho recém-nascido, e da consequente partida de sua esposa, Cecília. Depois de anos de tratamentos de fertilidade

---

<sup>18</sup> Termo entendido por Juliana Fausto (2020, p. 45), em sua análise da obra de Giorgio Agamben, como “um lugar onde dois termos que devem se manter separados, neste caso homem e animal, se sobrepõem”. A *zona de indistinção*, no sentido agambeniano, seria produto das ações de um estado de exceção – baseado na suspensão de direitos dos cidadãos para abolir normas e fazer valer os desejos de um Estado soberano – que cria “a possibilidade terrível, sempre à espreita, de que os homens venham a ser animalizados” (idem) e, a partir disso, se tornem *vida nua*, ou seja, vida sem direitos, vida desprotegida pelo Estado e por ele massacrada.

agressivos, o casal havia finalmente conseguido conceber; no entanto, alguns meses após o nascimento, o bebê amanhece morto sem explicações, e o choque da situação faz com que Cecília sinta necessidade de abandonar a casa da família e voltar a morar com a mãe, longe do marido. “Poucos sabem que perdeu um filho, que sua mulher se foi, que seu padre cai em um silêncio obscuro e demencial” (BAZTERRICA, 2018, posição 588).

A angústia pela morte iminente do pai e pela perda do filho deixam Tejo em estado emocional vulnerável ao longo de toda a primeira parte do enredo, o que é agravado pela chegada do problema em torno da cabeça fêmea que despreza. Em certo momento, ele pensa que “poderia vendê-la [...]. Poderia criá-la, inseminá-la, começar com um lote pequeno de cabeças, tornar-se independente do frigorífico. Poderia escapar, deixar tudo, abandonar o pai, sua mulher, o menino morto, o berço que esperava para ser destruído” (BAZTERRICA, 2018, posição 462).

Quando a fêmea PGP entra na vida de Marcos, ela mantém a posição esperada de animal (ou menos que animal, já que não recebe o tratamento carinhoso que era, por exemplo, destinado aos cachorros de estimação que o protagonista tinha antes da Transição), pois ele não se sente emocionalmente preparado para fazer decisões sobre ela. O cenário muda, no entanto, a partir de uma noite em que Tejo, embriagado, decide soltar a cabeça do cativado em que estava sendo mantida e, sem controle de suas ações, acaba dormindo no quintal, do lado de fora de sua casa. Quando desperta, a cabeça está dormindo ao seu lado, e isso dá início a uma série de descrições de cunho sexual: Marcos “se aconchega ao seu lado, muito perto, sem tocá-la. Sente o calor de seu corpo, a respiração lenta, pausada. [...] Sente seu cheiro intoxicante de jasmims, selvagem e agudo, alegre. Sua respiração acelera. Há algo que o excita, essa proximidade, essa possibilidade” (BAZTERRICA, 2018, posição 935). O protagonista se esforça para suprimir o desejo despertado pelo corpo a seu lado, mas dias depois, perdido em sua fragilidade emocional, cede – “o que quer fazer está proibido. Mas o faz” (ibidem, posição 1325).

A consumação do ato sexual entre Tejo e a fêmea marca dois momentos importantes: o encerramento da primeira parte da narrativa e uma mudança de paradigma causada pela humanização da cabeça. Quando a segunda parte tem início, ela já não é mais cabeça, mas Jazmín: Marcos lhe deu um nome e a inseriu em sua rotina doméstica de uma forma que não só modifica completamente seu estatuto, mas viola uma série de leis instituídas pelo governo para separar humanos de sociedade e humanos de abate. Jazmín é pacientemente ensinada, ao longo de meses, a vestir-se, a usar talheres, a observar imagens na televisão, a ser banhada, a aliviar-se no banheiro – a cumprir diferentes protocolos que, embora não sejam feitos com

destreza, inserem-na claramente na esfera de convivência humana. O motivo para isso se torna explícito quando descobre-se que Jazmín está gestando um bebê de Tejo após a primeira relação sexual entre os personagens.

Torna-se evidente, portanto, que a gravidez<sup>19</sup> de Jazmín a eleva a um novo patamar na vida de Tejo. Ao receber um nome, como uma humana, Jazmín ganha acesso também a aspectos da vida em sociedade que são excluídos da vivência na esteira de abate, o que mostra como é fino e cambiável o fio que diferencia os humanos-de-fato dos não-tão-humanos. Observa-se, nesse sentido, o quanto essa separação na sociedade canibal é arbitrária e pode ser revertida a qualquer momento: humanos podem tornar-se cabeças e cabeças podem habitar o mundo humano (ainda que ilegalmente, no caso de Jazmín) a partir de práticas que as insiram nele.

Deve-se ressaltar, no entanto, que há limites que nem mesmo Jazmín pode ultrapassar. Embora ela tenha sido ensinada a realizar algumas tarefas ligadas à vivência humana, Tejo não acredita que ela seja capaz de ficar sozinha sem se machucar. Ao mesmo tempo, não pode levá-la consigo ao trabalho, já que manter relações sexuais com cabeças – e, mais que isso, inseri-las na sociedade – é terminantemente proibido: “a marca na testa [de Jazmín, que indica que é uma PGP], enorme, clara, indestrutível, o obriga a deixá-la fechada em casa” (BAZTERRICA, 2018, posição 1370). Por isso, sempre que deixa sua casa, Tejo tranca Jazmín em um quarto isolado e deixa para ela uma série de atividades a serem feitas em seu tempo livre. Não se preocupa em demasia, pois “sabe que vai ficar tranquila, assistindo tevê, dormindo, desenhando com os giz-de-cera que deixou para ela, comendo a comida que lhe preparou” (ibidem), mas mesmo assim, instala uma câmera no quarto para que possa observá-la enquanto está fora.

Percebe-se, com isso, que Jazmín ocupa uma zona anfíbia responsável por mantê-la, a um só tempo, como cabeça e como pessoa: embora seja inserida no espaço doméstico de Tejo, essa inserção tem limites e não se estende ao exterior da casa; para Tejo, ela é quase-humana<sup>20</sup>, mas para o resto da sociedade, ela é um animal indevidamente domesticado. Para os pesquisadores Claire Mercier e Gabriel Rossel, o incentivo do protagonista para que Jazmín abandone (ainda que com limites) o estatuto de cabeça ao longo de sua gestação, mesmo que contra o restante da sociedade, representa um “potencial de relación diplomática

---

<sup>19</sup> Destaca-se a diferença entre “gravidez”, aqui, e “prenhez”, usada para fazer referência às cabeças-mães das seções anteriores.

<sup>20</sup> Ainda que sua performance se dê em uma área cinzenta, já que por vezes é tratada como uma criança que deve ser protegida e vigiada, por vezes figura como uma dona de casa tradicional e submissa, que aguarda o companheiro em casa enquanto vê silenciosamente a gravidez se desenvolver.

entre las especies" (MERCIER; ROSSEL, 2021, p. 179)<sup>21</sup>, entendido como uma forma de habitar o mundo fora da lógica antropocêntrica que inferioriza animais. Isso se justifica na medida em que Tejo transita entre o circuito da carne e suas obrigações profissionais e, ao mesmo tempo, um mundo simpático às cabeças na qual não coloca sua definição de “humano” como elemento central, possibilitando a construção de novos tipos de relação entre pessoas e cabeças.

Contudo, o verdadeiro estatuto de Jazmín se revela ao final de *Cadáver Exquisito*, nos últimos capítulos, quando sua bolsa se rompe e ela começa o trabalho de parto. Ao longo de toda a segunda parte do livro, Tejo deixa clara sua fixação com o bebê prestes a nascer, constatando que “não podia pensar em outra coisa que não fosse o bebê, seu filho. Sim, seu. Algo iria lhe ocorrer para que ninguém o tomasse” (ibidem, posição 1440). Ele desenvolve, por isso, um comportamento de extremo zelo com relação a Jazmín, cuidando atentamente de sua saúde para que o novo filho nasça bem. Entretanto, algo dá errado na gestação e Tejo, ao perceber que um líquido verde sai de Jazmín, contata rapidamente sua esposa, Cecília, para que venha auxiliar no parto.

Após momentos de tensão, com Jazmín urrando de dor e Cecília se esforçando para fazer o parto, o bebê finalmente nasce bem e dá sinais de estar fora de perigo. Tejo e a esposa se emocionam: “agora [o bebê] é nosso” (ibidem, posição 2309). Enquanto acariciam o novo filho, percebe-se que Jazmín se torna cada vez mais agitada, pois parece querer ter nos braços o recém-nascido, tocá-lo. Em uma mudança radical no que seria esperado, Tejo, após tranquilizá-la com carícias e músicas calmas ao ouvido, a segura pelos cabelos e a acerta com uma marreta na testa, no centro de sua marca de PGP. Cecília se surpreende, gritando que a cabeça poderia ter-lhes dado mais filhos, ao que se segue a passagem final do livro: Marcos, “enquanto arrasta o corpo da fêmea ao galpão para abatê-lo, responde a Cecília com uma voz radiante, tão branca que machuca: ‘tinha o olhar humano do animal domesticado’” (ibidem, posição 2325).

Por fim, fica evidente a posição de Jazmín: embora tenha ocupado momentaneamente espaços humanos, ela nunca deixou, de fato, de ser apenas uma cabeça a serviço de seu dono. A ideia da maternidade, nesse contexto, deflagra paradoxalmente novas possibilidades de sentido de humanidade e animalidade dos personagens: Jazmín deixa de ser animal e se aproxima da existência como “pessoa”, mas volta a ser animal quando é reduzida à sua utilidade reprodutora; Cecília deixa transparecer seu lado animalesco quando opera essa redução. Da mesma forma, revela-se uma nova face de Tejo: embora tenha, ao longo de toda a

---

<sup>21</sup> “Potencial de relação diplomática entre as espécies” (tradução nossa).

narrativa, mostrado desprezo em relação ao sistema canibal e dado a uma cabeça a oportunidade de ser humanizada, ele nunca deixou, de fato, de dar voz a uma bestialidade que não se importa em submeter outros humanos ao abate. Ao final, prova ser apenas um “diplomático falido” (MERCIER; ROSSEL, 2021, p. 182) que não promove transformações efetivas na lógica social. A semi-humanização de Jazmín (e, de forma geral, das pessoas de abate), então, se consolida apenas como objeto de uma instrumentalização promovida em nome do desejo de humanos que não se importam em sacrificar seus pares.

## CAPÍTULO II: CONVIVENDO COM O CANIBALISMO

Após a compreensão das ferramentas operacionais elaboradas pelo sistema de *Cadáver Exquisito* para dar vida ao consumo antropofágico, é interessante passar a uma análise do cotidiano da obra para além dos muros da indústria. Esse interesse se dá uma vez que, como se verá em seguida, as alterações promovidas pelo canibalismo reverberam não só nas manobras mercadológicas e políticas que possibilitam o novo hábito alimentício, como também no cotidiano da sociedade que o acolhe.

Nesse sentido, foram selecionados dois eixos do mundo que envolve Marcos Tejo para serem observados. O primeiro deles se dá em torno do *corpo*, tendo em vista que, sob um modo de vida que prega o consumo da carne de semelhantes, o corpo humano se torna terreno de disputa e é passível de servir como alimento por motivos ligados à morte e ao sacrifício<sup>22</sup>. O segundo eixo, por sua vez, detalha o modo como as extinções de animais em massa criam um espaço de luto não trabalhado na sociedade a partir da repressão de símbolos que o possibilitariam.

### O problema do corpo

Como visto no capítulo anterior, a instauração do canibalismo na sociedade de *Cadáver Exquisito* promove alterações profundas na forma como o humano é entendido a partir da divisão entre pessoas e cabeças. As esferas de poder, ligadas aos detentores de meios de produção agroindustrial, impõem a ideia de que, qualitativamente, os humanos que podem viver em sociedade são superiores, em âmbitos como os de capacidade cognitiva e habilidade motora, àqueles que são destinados ao abate. Contudo, essa percepção se estende para além das esteiras de produção – a nível corpóreo, parece existir não só uma divisão entre pessoas e cabeças (uma vez que, mesmo que sejam biologicamente idênticas, as primeiras não são submetidas às mesmas experiências que as segundas), mas também entre as próprias pessoas.

O corpo passa a ser terreno de disputa dentro de um sistema que o consome: é preciso que os humanos-de-fato zelem pela própria pele se desejam evitar (ou, como se verá, abraçar)

---

<sup>22</sup> Há uma profunda complexidade em torno das práticas de sacrifício e seu significado ao longo da história humana para os mais diversos povos, analisados proficuamente pela Antropologia e por outras áreas de estudos que levam em conta questões religiosas, culturais, rituais, etc. Dada a extensão e o nível de aprofundamento esperados de uma Monografia, optou-se por não adentrar com profundidade esses méritos neste trabalho. Os significados de “sacrifício” para as análises aqui promovidas serão esclarecidos ao longo do capítulo.

o destino de tornar-se carne. Nessa perspectiva, pode-se aventar que o corpo – seja ele de pessoas ou de cabeças, isto é, o corpo humano biológico – está sob litígio: tanto no abate quanto na morte natural, socializada, a ideia de que o corpo pode ser consumido inspira a necessidade de um cuidado excessivo com os falecidos e, paradoxalmente, abre espaço para sacrifícios voluntários que sustentam (ou desequilibram) o sistema.

Ao longo da narrativa, uma das preocupações prementes do protagonista Marcos Tejo se relaciona ao estado de saúde de seu pai. Confinado em um lar privado para idosos e fora de capacidades mentais funcionais, o pai precisa de cuidados constantes e frequentemente tem o que são chamados de “episódios” – momentos em que aparentemente se dissocia da realidade e pensa estar em outros lugares, em outros tempos. Entende-se, aqui, uma fuga do peso do canibalismo para memórias idílicas, em que se consumia carnes outras que a humana – “seu pai havia enlouquecido. Os médicos o diagnosticaram com demência senil, mas ele sabia que o pai não suportou a Transição. Muitas pessoas se deixaram morrer sob a forma de uma depressão aguda, outras se dissociaram da realidade” (BAZTERRICA, 2018, posição 98). O apego de Tejo ao pai é, inclusive, o que o pressiona a continuar trabalhando no circuito da carne mesmo após a Transição e as indignações que o novo estado lhe provoca – Marcos só mantém seu emprego porque “ele é o melhor [do ramo] e o pagam como tal, porque não sabe fazer outra coisa e porque a saúde do pai exige isso” (ibidem, posição 155). Sob essa ótica, o cuidado com a saúde do progenitor é um fio que liga o protagonista ao novo sistema.<sup>23</sup>

Entretanto, os anseios de Tejo não se limitam a manter o pai vivo. Para além disso, o personagem se mostra preocupado com o destino que será dado ao corpo do pai quando a vida nele se extinguir: é preciso que ele arrecade dinheiro suficiente para arcar com o caro procedimento de cremação, já que, do contrário, o falecido poderá se tornar carne de consumo. Como a narrativa evidencia, quando idosos morrem em casas de repouso públicas ou em espaços mais pobres, “são vendidos ao mercado negro. É a carne mais barata que se pode conseguir, porque é carne seca e enferma, cheia de fármacos. Carne com nome e sobrenome” (ibidem, posição 538). A venda é feita pelas instituições ou mesmo pelos próprios familiares, quando, por diferentes motivos, precisam do dinheiro da transação. Com isso, os funerais foram praticamente extintos: são poucos os que conseguem pagar por uma cerimônia segura o suficiente para garantir que o falecido não será vendido ou, em casos mais extremos, violado por Carroñeros que espreitam cemitérios e hospitais. “É muito difícil

---

<sup>23</sup> Retomando a análise da personagem Jazmín promovida no capítulo anterior, pode-se dizer que a relação entre Tejo e o filho também tem essa função: a cabeça é mantida viva apenas pelo potencial de fornecer a Tejo um novo filho que suprirá a perda do primeiro. Assim, há uma rede de relações paternas/filiais responsáveis pela forma como Tejo participa do sistema.

controlar que o corpo não seja desenterrado e comido, por isso, muitos dos cemitérios foram vendidos, outros foram abandonados, alguns restaram como relíquias de um tempo em que os mortos podiam descansar em paz” (idem).

Percebe-se, assim, como o corpo, mesmo o que não é submetido ao abate, é absorvido pelo sistema canibal: a demanda voraz por carne humana impede a realização dos rituais tradicionais de velório e enterro de entes falecidos – o que, de alguma forma, compromete também a conclusão tranquila da vida. Como se pode observar pelo ponto de vista de Tejo, a violação do corpo morto torna-se uma preocupação para a família enlutada (e, paradoxalmente, um produto desejável para alguns tipos de vendedores e consumidores). O cadáver do ente querido fica sob disputa entre o luto elaborado – ou seja, o luto devidamente experimentado a partir de práticas culturalmente específicas que permitem que os entes queridos se despeçam de seus falecidos – e o rito funerário corrompido pela busca por carne. Em qualquer sentido, vê-se que a morte dos humanos-de-fato tenciona tratos sociais antes comuns e cria angústia naqueles que, a nível individual, precisam presenciá-la.

A nível coletivo, as pessoas também lidam com a morte de humanos diariamente, embora isso tenha sido absorvido pelos modos de vida a ponto de, aparentemente, não incomodá-las. Evidentemente, isso se refere às cabeças criadas artificialmente nos abatedouros: sem possibilidade de escolha, elas são enviadas ao sacrifício protocolar e burocrático das indústrias de forma a gerar quantidades massivas de carne para o mercado consumidor – trata-se de um sacrifício em massa de humanos em nome da fome por proteína pela qual a população passava antes da Transição.

Em um sentido que difere da ideia do sacrifício em massa, protocolar e industrial, René Girard (2008, p. 26), em seus amplos estudos sobre o rito sacrificial como instituição fundadora e reguladora da cultura humana, afirma que, fundamentalmente, sua função “é sempre apaziguar as violências intestinas e impedir a explosão de conflitos” da comunidade que o pratica. O sacrifício busca dissimular a violência interna que ameaça a sobrevivência dos grupos humanos a partir de sua canalização para um *bode expiatório*: a violência generalizada (todos contra todos) é transferida para uma única vítima (todos contra um) que, oferecida em nome do grupo, tem poder reconciliador – embora ele seja apenas temporário, o que leva a uma ritualização do procedimento que, praticado esporadicamente, age como medida preventiva da brutalidade. Assim, o sacrifício restaura a ordem social através da união pela violência: “a execração e a destruição unânimes de um pseudo inimigo reconciliam a comunidade, ao preço relativamente módico de uma única vítima” (GIRARD, 2011, p. 93).

Importa destacar que a particularidade da vítima transformada em bode expiatório é que sua escolha depende da ausência da possibilidade de vingança. Assim, o que as define não é necessariamente seu nível de importância social ou seu tipo de conexão com a sociedade – embora esses fatores possam ditar, por exemplo, a efetividade do sacrifício a depender da violência a ser controlada –, mas a impossibilidade de que sua morte seja encarada como um assassinato de fato por algum membro do grupo e, portanto, vingada: a comunidade espera se “proteger de sua própria violência desviando-a para vítimas sacrificiáveis, criaturas humanas ou animais cuja morte não fará ressurgir a violência, pois ninguém terá a preocupação de vingá-la” (GIRARD, 2011, p. 33). Desse modo, a crença de que o bode expiatório representa a causa das violências internas e de que sua morte não gerará um novo ciclo de violências possibilita o retorno à ordem.

Compreender superficialmente o significado do sacrifício em seu potencial restaurador possibilita a análise de outro tipo de morte em *Cadáver Exquisito*, diferente da morte socializada e da que ocorre nos abatedouros. Trata-se da morte promovida por ritos sacrificiais dos integrantes da chamada Igreja da Imolação, com a qual o leitor tem contato no início da segunda parte da narrativa. Como se pode inferir a partir do nome da organização, a Igreja consiste na reunião de pessoas que desejam sacrificar seu corpo como alimento a pessoas mais necessitadas – ou seja, os Carroñeros, considerados o grupo mais marginalizado da sociedade canibal – em nome da ideia de que “o ser humano é a causa de todos os males deste mundo. Somos nosso próprio vírus” (BAZTERRICA, 2018, posição 1391). Os seguidores da Igreja, neste sentido, buscam oferecer-se como uma forma de salvação ou expurgação dos pecados cometidos pela espécie humana, agindo como *bodes expiatórios* do próprio sistema canibal. Por ser um sacrifício desejado – uma entrega totalmente voluntária em nome da comunidade –, sua morte certamente não é passível de vingança. Isso pode ser visto no discurso protocolar proferido antes do sacrifício pelo próprio candidato ao ato, o qual Tejo presencia em uma visita protocolar a um frigorífico. Quem dá voz ao discurso na cena é um homem idoso que, vestido em uma túnica vermelha, anuncia a seus colegas de culto:

Somos o animal da pior classe, destruindo nosso planeta, esfomeando nossos semelhantes. [...] Minha vida terá realmente sentido uma vez que meu corpo alimente outro ser humano, um que verdadeiramente necessite disso. Por que desperdiçar meu valor proteico em uma cremação sem sentido? Já vivi, para mim é suficiente (idem).

Depois de proferido o discurso, os membros da Igreja que seguirão vivos entoam: “Salve o planeta, imole-se!”. Em seguida, quando o homem se entrega aos funcionários do frigorífico para ser levado ao sacrifício, ele inclusive remete à tradição católica, declarando

“como disse Jesus, tomai e comei de meu corpo”, o que parece contribuir para a aura sagrada de sua escolha. Por fim, ele é nocauteado em um dos boxes de aturdimiento do frigorífico e entregue, vivo e inconsciente, aos Carroñeros que vivem às margens do lugar.

Ao mesmo tempo em que as práticas da Igreja da Imolação se comunicam com um espaço divino – e, por isso, incorruptível em essência –, é notável o quanto o processo de sacrifício é envolto em burocracias que, de certo modo, se assemelham àquelas operadas pela indústria da carne. Conforme descreve o narrador de *Cadáver Exquisito*, as cerimônias da Igreja demoraram a ser aceitas pelos órgãos oficiais, tendo em vista que os frigoríficos se recusavam a dar espaço para práticas consideradas macabras. Apenas quando os membros da instituição começaram a se infiltrar em postos governamentais, logrou-se autorizações e trâmites legais para que os ritos sacrificiais fossem reconhecidos como legítimos e tivessem autorização para acontecer.

É interessante perceber que, paradoxalmente, as Igrejas batalharam por este estatuto de lei com o objetivo de se afastar, precisamente, da ideia de um corpo comum que poderia ser consumido como qualquer outra cabeça. Foi preciso estabelecer trâmites legais para as cerimônias, uma vez que os certificados de imolação – os documentos endossados pelo governo e, portanto, respeitados oficialmente – diferenciam o sacrifício voluntário do promovido em massa. Os papéis ligados à religião funcionam como uma espécie de burocracia sacralizadora, elevando as vítimas do sacrifício a um patamar próximo do divino, enquanto os papéis que remetem aos registros das cabeças servem apenas para inseri-las de modo ordenado e documentado nas esteiras de produção. Isso contribui também para validar o sacrifício desejado como algo elevado que ofusca a realidade bizarra dos Carroñeros: com todas as trocas legais, a ideia de que os corpos sacrificados – sagrados – serão jogados a pessoas meio-humanas que irão dismantelá-los em nome de uma fome sistêmica é convenientemente esquecida. Afinal, “o problema com os Carroñeros é que são um grupo de marginalizados ao qual a sociedade não concede nenhum valor. Por isso, não se pode dizer ao imolado que seu corpo será destripado, rasgado, mordido, fagocitado por um excluído, um indesejável” (BAZTERRICA, 2018, posição 1418).

Quanto às características do sacrifício, Girard (2011, p. 23) avança que sua divisão em duas grandes categorias (humana e animal) “se baseia em um julgamento de valor, na ideia de que certas vítimas – os homens – seriam particularmente inadequadas ao sacrifício, enquanto outras – os animais – seriam eminentemente sacrificáveis” (ainda que, a nível prático, ambas tenham o mesmo fim ligado ao sacrifício). Isso pode ser observado, em certo sentido, nas próprias divisões que a Igreja da Imolação busca evidenciar ao oficializar seus rituais: o

sacrifício de humanos-de-fato é envolto, como se viu, em uma aura sacralizada, enquanto o de humanos-de-abate, considerados qualitativamente inferiores, não promove comoção: tratam-se de vida sumamente sacrificáveis.

Por fim, nota-se que operações de oficialização como as descritas sustentam a própria manutenção de um sistema que permite a antropofagia. Como visto nas seções anteriores, é importante que os componentes do sistema se percebam como diferentes das cabeças consumidas para que possam, de fato, consumi-las. Por conseguinte, os trâmites legais relacionados ao rito sacrificial são necessários para manter a ilusão legitimadora do canibalismo, já que, “se uma pessoa com nome e sobrenome pode ser comida, de maneira legal, e essa pessoa não é considerada um produto, o que nos impede de comer uns aos outros?” (BAZTERRICA, 2018, posição 1412).

### **O mundo extinto**

Há, no cenário pós-apocalíptico de *Cadáver Exquisito*, uma presença constante: o silêncio construído na ausência completa dos animais outros que humanos – dos bichos – no planeta. Como visto, essa extinção absoluta foi promovida por humanos como medida preventiva contra o vírus que se alastrava em outras espécies, de forma a evitar que uma possível mutação passasse a apresentar risco de vida também às pessoas: Tejo “se lembra dos grupos com os escafandros amarelos que percorriam os bairros durante a noite para matar e queimar qualquer animal com que cruzavam” (BAZTERRICA, 2018, posição 53). Isso, no entanto, cria traumas coletivos inomináveis, uma vez que a sociedade precisa passar a lidar com o fato de que é – até onde se sabe – a única forma de vida animal que resta sobre a Terra.

A princípio, é relevante notar que processos de extinção fazem parte da história natural do planeta há milhões de anos, integrando uma cadeia de relações interespecíficas na biota terrestre que, em ritmos milenares, encerra e inicia ciclos de vida independentemente da presença humana. A natureza, nesse sentido, sempre funcionou conforme movimentos próprios de geração, destruição e regeneração, responsáveis por um paradoxal caos harmônico que, ao longo das eras geológicas, pouco se aproximou de depender exclusivamente da ação ou do julgamento do *Homo sapiens*. No entanto, nos últimos séculos – mais precisamente a partir da Primeira Revolução Industrial –, vem sendo observado um avanço exponencial de exploração humana do mundo natural que compromete seus ciclos regenerativos. Por isso,

seguindo um uso sistemático e inconsequente de recursos naturais, o período no qual a sociedade hoje se encontra tem sido caracterizado por estudiosos como Antropoceno<sup>24</sup>, entendido como uma nova era geológica marcada não por ciclos orgânicos do planeta, mas por efeitos desastrosos da ação humana.

Entre as diversas consequências da interferência humana que de forma acelerada demarcam o Antropoceno – como mudanças climáticas, redução de ecossistemas, poluição dos oceanos e da atmosfera –, o que se destaca é o crescimento dos processos de extinção em massa. Especialistas observam que, por conta da redução da capacidade regenerativa do planeta, uma miríade de espécies de animais e plantas falha em adaptar-se às novas condições terrestres e tem sua existência fatalmente comprometida. Com isso, pode-se dizer que o planeta vivencia uma era de perdas irreparáveis, na medida em que a extinção de uma espécie – seja ela animal, vegetal, bacteriana – interrompe de maneira drástica toda uma cadeia de conexões que jamais poderá ser recuperada. Trata-se da eliminação, como Donna Haraway (2016) coloca, de espaços-tempo de refúgio para pessoas e outros seres pela ação humana direta ou indireta, o que compromete uma miríade de existências terrestre; assim, “o Antropoceno marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como antes” (HARAWAY, 2016. p. 140).

Com isso em mente, em *A cosmopolítica dos animais* (2020), a pesquisadora Juliana Fausto aborda a visão da filósofa Vinciane Despret acerca das extinções em massa que a sociedade contemporânea cada vez mais vivencia. Para Despret, quando uma espécie é extinta, não só a humanidade deixa de poder vê-la, mas todo um universo de existência específico se perde. A percepção de mundo e a interação de uma dada espécie com o meio e com as infinitas cadeias de relação que se criam a partir disso acabam: “quando um ser não existe mais, o mundo se estreita de repente, e uma parte da realidade colapsa. A cada vez que uma existência desaparece, é um pedaço do universo de sensações que desaparece [...], o ponto de vista único, sensual, vivo, quente, musical e colorido” (DESPRET, 2017, apud FAUSTO, 2020, p. 283) daquele grupo em específico se desvanece. Parte da realidade e de sua rede de conexões é perdida, e o universo é desapaesado de um modo de ser afetado que nunca mais será possível. “O mundo, em uma palavra, empobrece” (FAUSTO, 2020, p. 284) e torna-se mais triste, menos vivo e dinâmico.

---

<sup>24</sup> Cf. ARTAXO, P. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? **Revista USP**, São Paulo, n. 103, p. 13-24, 2014. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/99279/97695>. Acesso em fevereiro de 2022.

Presume-se, então, que vivenciar a extinção de uma espécie pode gerar um sentimento de tristeza coletivo, uma vez que, em um sentido concreto e sensível, o mundo como é conhecido e experienciado se rompe. Não só a humanidade, mas todo o universo sensorial que ela compõe, sofrem uma perda imensurável. Por isso, para Haraway (2016, p. 141), a maneira de viver e morrer atual “deve incluir o luto por perdas irreversíveis”. O que se observa, no entanto, em *Cadáver Exquisito*, não condiz com essa necessidade, na medida em que a sociedade construída na obra opera, de fato, por meio da supressão dessas perdas: há um esforço, por parte de instituições como as indústrias e os governos, de apagar todos os símbolos que remetam à memória do animal para instaurar o canibalismo.

Em uma passagem da narrativa, o protagonista Tejo atenta-se para o fato de que “a ausência dos animais [no mundo] deixou um silêncio opressivo, mudo” (BAZTERRICA, 2018, posição 312). Esse tipo de descrição pode ser encontrado em diferentes momentos, como quando, viajando pelo campo, Tejo observa “um caminho de terra, de quilômetros e quilômetros de campos vazios. Antes havia vacas, ovelhas, cavalos. Agora não há nada, não a olhos nus” (ibidem, posição 92). O protagonista refere-se, além disso, não só à perda massiva de animais, mas também à de humanos que foram tirados em grande volume das ruas e das cidades para serem enviados ao abate: “os edifícios e as praças e as ruas o lembram de que antes havia mais pessoas, muito mais” (BAZTERRICA, 2018, posição 347). Entende-se, assim, que o vácuo causado pela falta de animais e, em outro nível, de pessoas, constitui o cenário distópico em que a história se desenvolve. Unindo os dois tipos de ausência, Tejo inclusive pensa, enquanto dirige pelo centro de uma das grandes cidades em que presta serviços: “é uma cidade que parece deserta. Não só porque a população foi reduzida, mas porque desde que não há animais, há um silêncio que ninguém escuta mas está ali, o tempo todo, retumbando” (ibidem, posição 993). Isso parece gerar uma melancolia social que acinzentava a paisagem da narrativa, o que pode ser apreendido a partir da sensação saudosista e entristecida que sempre envolve os pensamentos de Tejo sobre o passado.

Em um viés psicanalítico, o estado melancólico pode ser entendido como um modo de existir patológico profundamente influenciado pela perda.<sup>25</sup> Uma vez nele, “o melancólico vê-se inteiramente absorvido pela perda” e “acede a um estatuto de vazio absoluto, no qual é a desvelada a condição mesma da mortalidade, da fraqueza, da desvalia, do desprezo” (PINHEIRO; QUINTELLA; VERTZMAN, 2010, p. 149-150). Pode-se falar, nesse sentido,

---

<sup>25</sup> Segundo a linha de pensamento freudiana. As motivações específicas que podem levar a esse quadro, como a identificação narcísica, não serão abordadas, dadas suas especificidades, mas podem ser consultadas, por exemplo, no artigo consultado para esta pesquisa (cf. lista de Referências ao final do trabalho).

que o sujeito em melancolia nunca processa seu luto – entendido, por sua vez, como um estado *temporário* de desânimo causado pela perda de alguém amado apenas enquanto o enlutado faz o trabalho psíquico de lidar com a perda e reorganizar seu arcabouço simbólico para superá-la. Estendidos a uma análise de *Cadáver Exquisito*, os conceitos podem evidenciar a melancolia causada pela perda descomunal que a sociedade coletivamente enfrenta. Como se presume, as pessoas são impedidas de processar seu luto pelas extinções em massa e por um mundo subitamente empobrecido, já que, para que a Transição se concretize, é preciso esquecer que animais um dia já foram parte da vida (e da alimentação). Esse peso da perda pode ser apreendido, por exemplo, pelo olhar marcadamente entristecido de Tejo, constantemente alusivo às perdas que, não processadas, o assombram: “queria anestesiarse e viver sem sentir nada. Atuar de maneira automática, olhar, respirar e nada mais. Ver tudo, saber e não dizer. Mas as lembranças estão ali, seguem ali” (BAZTERRICA, 2018, posição 36).

A melancolia causada pelas extinções pode ser observada também nas diferentes passagens em que Tejo tem pensamentos deprimentes acerca do estado do mundo sem animais que evidenciam a recorrência de um estado de luto perene. As lembranças do processo de extinção de todos os outros-que-humanos do planeta causa agonia: “quer apagar as imagens longínquas, as memórias que persistem. As pilhas de gatos e cachorros queimados vivos. Um arranhão [de um animal] significava a morte. O cheiro de carne queimada foi sentido por semanas” (BAZTERRICA, 2018, posição 53). Além disso, essa falta compõe também o cenário doméstico, quando Tejo observa o quarto do falecido filho recém-nascido e nota a ausência de desenhos de bichos na decoração que, de certa forma, inspiravam um sentimento de aconchego: “já não vendem produtos com animais ternos, inocentes. Foram substituídos por barquinhos, florzinhas, fadas, duendes” (ibidem, posição 307).

Como se percebe, Tejo conserva o quarto do filho decorado e intacto mesmo depois de sua morte, o que remete à noção de que “o melancólico mantém o objeto [da perda] dentro de si” (PINHEIRO; QUINTELLA; VERTZMAN, 2010, p. 150) como forma de estender indefinidamente o enlutamento. O espaço, nesse sentido, é uma forma de manter vivo o luto que o protagonista experimenta em sua vida pessoal: não só o mundo natural como o conhecia foi extinto, mas também seu mundo familiar, uma vez que a morte repentina da criança fez com que a esposa Cecília saísse de casa e trouxe uma dor profunda que nunca é processada. Ainda observando o quarto, Tejo encara o lugar em que o filho antes dormia e pensa que “esse havia sido seu berço e depois foi o berço de seu filho. [...] Sabe que tem que tirá-lo, que tem

que destruí-lo e queimá-lo antes que sua mulher volte. Mas não pode” (BAZTERRICA, 2018, posição 319).

Há, no entanto, um espaço limiar na obra, ao qual Tejo recorre quando se sente demasiadamente triste: o antigo jardim zoológico, afastado da cidade grande. Ele é descrito como um espaço totalmente abandonado, com árvores secas, grama alta e placas informativas pichadas. Há ossos espalhados pelas jaulas e ruínas de construções, caracterizando um lugar esquecido, fantasmático. O protagonista caminha entre as jaulas vazias e apodrecidas.<sup>26</sup> Ele se recorda de momentos marcantes passados lá na infância com o pai, e parece tentar recuperar nessas visitas algo relacionado ao mundo antes da Transição – foi no campo que as pessoas das cidades soltaram os animais de estimação que não tiveram coragem de matar; portanto, há uma possibilidade ínfima de se deparar com seres que tenham sobrevivido aos massacres. E é isso, precisamente, que Tejo presencia.

Em um de seus passeios, ao visitar as construções vazias, o protagonista entra em um serpentário e observa os terrários quebrados. Surpreende-se quando percebe que há, dentro de um dos aquários, a movimentação de pequenas cabeças; chega a pensar que está alucinando. Quando se aproxima, Tejo verifica que se trata de quatro filhotes de cachorro. Aos poucos, faz contato com os animais e segura um deles no colo: “ele o abraça, o beija até que se acalme. O filhote passa a língua em sua cara. Ele ri e chora em silêncio” (ibidem, posição 1241). Entristecido, lembra-se de quando precisou sacrificar suas duas cachorras de estimação e perde a noção do tempo – quando volta para casa, “sente falta do latido de Koko e Pugliesi quando corriam até o carro pelo caminho de terra rodeado de eucaliptos” (ibidem, posição 1294), fazendo menção novamente à solidão de um mundo sem animais.

Tejo retorna algumas vezes ao lugar em que encontrou os cachorros como forma de, possivelmente, tentar resgatar estados emocionais que se afastem da melancolia vivida. Na infância, bons momentos foram passados no zoológico com o pai; agora, na vida adulta, o lugar parece ser o único meio em que se pode voltar a pensar em formas de viver mais simples, menos carregadas emocionalmente. Entre os filhotes, Tejo pode acessar um passado em que o animal era possível e em que tantas formas de afeto não haviam sido rompidas; ao mesmo tempo, também pode acessar um passado em que o pai, objeto de preocupação constante, tinha presença ativa em sua vida. Com essas lembranças, o protagonista deixa

---

<sup>26</sup> Aqui, uma leitura possível parte da simbologia imposta pelas jaulas que já não têm serventia. Se antes da Transição elas tinham a função de separar homens de animais – na análise de Juliana Fausto (2020, p. 116) sobre o espaço dos zoológicos, “grades, cercas, jaulas e telas de metal são o enquadre concreto que informa: daqui para dentro, a animalidade; daqui para fora, a humanidade” –, no cenário pós-apocalíptico, a decadência do ambiente indica a fusão entre o humano e o animal; em outras palavras, a indiscernibilidade entre os dois mundos trazida pelo universo canibal.

momentaneamente o estado melancólico e vive uma realidade em que suas tristezas – o universo canibal, a doença do pai, a perda do filho – são suspensas.

Conclui-se que, em consonância com a visão de Fausto acerca das rupturas frutos de exterminações, a narrativa dá forma a um mundo triste, carregado do peso impossível da solidão humana definitiva. Esse sentimento é agravado pelo fato de que o luto coletivo não chega a ser elaborado, já que a Transição atua como uma quebra irreversível com um passado que não deve ser mencionado ou lembrado. A nível pessoal, outro agravante é a melancolia em que o protagonista vive por carregar a perda não processada do filho. Ademais, Tejo, como todos os seus conterrâneos, precisa lidar não só com essa vida solitária e silenciosa sem a possibilidade de conectar-se com outras formas de existência – com outros modos de afetar o mundo –, mas, mais que isso, com o peso da ação humana. Tendo em vista que a promoção das inúmeras mortes de animais ocorreu exclusivamente por interferência humana como forma de proteção da própria espécie, a sociedade humana passa a lidar também com o silenciamento da própria responsabilidade.

### CAPÍTULO III: MERCADO CANIBAL E GÊNERO DISTÓPICO

Na última seção deste trabalho, interessa voltar o olhar às formas como o gênero distópico no qual *Cadáver Exquisito* se insere atua a partir da ideia de um mercado de consumo antropofágico para criar, como será visto, “sinais de alerta” para um presente que, em última instância, já opera com base no consumo material de humanos. Para isso, foram selecionados alguns trabalhos que versam sobre o gênero distópico ou sobre seu papel específico na narrativa em questão, aliados a uma análise das ferramentas de poder retratadas por ela para mobilizar uma crítica ao sistema social vigente.

Em *Cadáver Exquisito*, Agustina Bazterrica faz uso de dispositivos literários claramente associados a características já bem definidas dos gêneros distópicos. Aquilo que o teórico Gregory Claeys (2017) define como “imagens perturbadoras” evocadas pela palavra “distopia” pode ser percebido de diferentes formas: a narrativa se desenvolve em um futuro não identificável que guarda semelhanças (tecnológicas, mercadológicas, sociais) com o presente; o cenário é o de uma civilização pós-apocalíptica, com cidades esvaziadas e construções abandonadas; a tecnologia já conhecida pelo leitor é exagerada em uma máquina de antropofagia motivada por um governo que impõe mundos de morte; a população parece alienada de um senso de humanidade que a faça questionar suas próprias ações. Em suma, “our symbols of species power stand starkly useless: decay is universal. [...] We have reverted to savagery, animality, monstrosity.” (CLAEYS, 2017, p. 3-4)<sup>27</sup>.

O objetivo aqui, contudo, não é analisar de modo específico tais dispositivos, tendo em vista, precisamente, que as distopias pós-apocalípticas já são, de forma geral, amplamente reconhecidas por seus leitores<sup>28</sup>. Pretende-se discutir os sentidos em que a obra de Bazterrica é formulada para refletir sobre os caminhos que a sociedade já vem seguindo no presente e que, extrapolados em um consumo literal de humanos, anunciam um futuro sombrio. Isso cumpriria uma função frequentemente ligada às distopias, que “projects negative futures we do not want but may get anyway” (CLAEYS, 2017, p. 498)<sup>29</sup>. Percepção semelhante pode ser vista em um trabalho do pesquisador Leomir Hilário (2013, p. 205), para quem as distopias

---

<sup>27</sup> “Nossos símbolos de poder da espécie se mostram totalmente inúteis: a decadência é universal. Nós regressamos à selvageria, à animalidade, à monstruosidade” (tradução nossa).

<sup>28</sup> Essa percepção se sustenta na ideia de que, mais especificamente a partir dos anos 2000, “the new century has given rise to many overtly post-apocalyptic works” (CLAEYS, 2017, p. 485). Em tradução nossa: “o novo século deu origem a muitos trabalhos abertamente pós-apocalípticos”.

<sup>29</sup> “[...] projeta futuros negativos que nós não queremos, mas os quais podemos obter de qualquer maneira” (tradução nossa).

“buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas” negativas, criando “avisos de incêndio”.

Em um estudo sobre *Cadáver Exquisito*, os pesquisadores Claire Mercier e Gabriel Saldías Rossel (2021, p. 170, grifo nosso) discorrem sobre as formas como a obra trabalha a partir de um olhar distópico caracterizado “por la primacía de una perspectiva crítica en base a una extrapolación de los elementos negativos de nuestra sociedad y la elaboración de realidades alternativas de carácter *anticipatorio* que den a conocer el potencial totalitario de una determinada ideología”. Considerando-se, então, a distopia como um gênero no qual se destaca o uso de ferramentas textuais próprias para alcançar uma finalidade crítica, é relevante verificar as temáticas pelas quais Bazterrica preza para criar “sinais de fumaça”. As duas chaves de leitura principais nas quais ela parece operar são a do canibalismo/vegetarianismo, assim como a da crítica ao sistema capitalista que já promove o consumo – não literal, mas direto e violento – de pessoas<sup>30</sup>.

Antes de passar a essas análises, é interessante notar o papel do medo coletivo para a institucionalização do canibalismo como prática econômica, uma vez que ele parte de práticas textuais comuns ao gênero distópico e age em conjunto com as chaves de leitura propostas para instigar o senso crítico no leitor. De acordo com Gregory Claeys (2017), a distopia é frequentemente ligada a “discursos de crise” propulsores de um estado de pânico. Isso se dá porque, como explica o autor, “in every social context power relations come into play. So here the social constructions of group fears can be [...] relatively easily ‘manipulated by those who seek to benefit’” (CLAEYS, 2017, p. 17)<sup>31</sup>. Nesse viés, as distopias trabalham frequentemente com agentes de controle de caos social (como governos, instituições, organizações de liderança) justamente porque, quando as massas se tornam vulneráveis a medos e angústias relativos à sobrevivência e ao futuro, elas são levadas a aceitar os desejos das esferas de poder com mais facilidade.

---

<sup>30</sup> Em entrevista, Bazterrica afirma: “siempre he creído que en nuestra sociedad capitalista y consumista, nos devoramos mutuamente. Nos fagocitamos entre nosotros de muchas maneras y en distintos grados: trata de personas, guerra, trabajo precario, esclavitud moderna, pobreza, violencia de género son solo algunos ejemplos de violencia extrema” (ABDALA, 2020). Em tradução nossa: “sempre acreditei que em nossa sociedade capitalista e consumista, nos devoramos mutuamente. Nos fagocitamos entre nós de muitas maneiras e em graus distintos: tráfico de pessoas, guerra, trabalho precário, escravidão moderna, pobreza, violência de gênero são só alguns exemplos de violência extrema”.

<sup>31</sup> “Em todo contexto social, relações de poder estão em jogo. Então aqui as construções sociais de medos coletivos podem ser [...] relativamente ‘manipuladas com facilidade por aqueles que buscam se beneficiar’” (tradução nossa).

Na narrativa de Bazterrica, a manipulação das massas em favor do governo pode ser vista nas descrições sobre como a Transição foi promovida. Quando o protagonista Tejo se recorda dos tempos que se seguiram à proliferação do vírus misterioso, vê-se a

“a *histeria* coletiva, os *suicídios*, o *medo*. [...] Lembra-se de artigos falando sobre a vingança dos veganos, outros sobre atos de violência contra animais, médicos na televisão explicando sobre como substituir a falta de proteínas, jornalistas confirmando que ainda não havia cura para o vírus animal” (BAZTERRICA, 2018, posição 39, grifos nossos).

Com a acentuação do caos sanitário e social, “houve grupos que começaram a matar pessoas e comê-las de maneira clandestina” (ibidem, posição 55), gerando escândalos públicos cada vez mais recorrentes e perturbadores. Com efeito, o sentimento de medo que mobiliza as massas em tempos de crise “becomes most acute when wedded to paranoia”<sup>32</sup> (CLAEYS, 2017, p. 18). Na narrativa, isso é percebido como a intensificação de um pavor massificado, responsável por criar o medo da fome, do assassinato, do roubo do próprio corpo – sentimentos estes que, a seu turno, abrem espaço para as decisões que, por fim, levam à legalização do canibalismo por governos sob pressão da agroindústria.

O discurso adotado pelas esferas de poder para possibilitar a Transição se desenvolve no sentido de controlar a crise – como exemplo, tem-se constatações feitas publicamente de que “a purga havia trazido consigo outros benefícios: redução da população, da pobreza e da fome” (BAZTERRICA, 2018, posição 70). Desse modo, o canibalismo, em última instância, surge como solução positiva ao desespero instaurado pelo vírus animal. Mercier e Rossel percebem nesse movimento a instauração do canibalismo como um “dispositivo de segurança”<sup>33</sup> para conter uma crise – principalmente de fome generalizada – que, embora ainda não tenha acontecido, tem potenciais trágicos que devem ser evitados pelos mecanismos de controle. Portanto, o medo coletivo e a manipulação que ele possibilita evidenciam o discurso de crise sobre o qual o sistema de *Cadáver Exquisito* se constrói, o que faz com que “el núcleo distópico de la obra se encuentre regulado por políticas de prevención de riesgo sanitario” (MERCIER; ROSSEL, 2021, p. 173) que, justamente, possibilitam a animalização do humano e sua subsequente mercantilização.

Uma leitura animalista – ou seja, baseada em óticas como a dos *animal studies*, que busca questionar a forma como o humano se constitui em sociedade e instiga reflexões fora da esfera antropocêntrica – se fundamenta em análises como as vistas na Introdução e no Capítulo 1 deste trabalho. Através do rebaixamento do humano ao animal – rebaixamento este que é possível, reitera-se, por conta da construção histórica de diferenças ontológicas entre os

---

<sup>32</sup> “se torna mais agudo quando casado à paranoia” (tradução nossa).

<sup>33</sup> Os autores recuperam, aqui, o conceito de Foucault.

primeiros e os segundos legitimada por sistemas de conhecimento como a ciência e a religião no Ocidente – e da inversão de pessoas em carne de consumo, *Cadáver Exquisito* abre espaço para reflexões que ultrapassam a concepção do homem como figura central no universo: a constatação de que um humano pode ocupar o mesmo lugar que um animal e, ao fim e ao cabo, levar ao mesmo produto final, evidencia uma hierarquia biopolítica baseada em conceitos arbitrários. Isso tem o poder de promover reflexões acerca do funcionamento da agroindústria – o que, é certo, não significa a conversão do leitor em adepto de estilos de vida vegetarianos, mas pode contribuir para expor como o ser humano compreende a si mesmo em relação aos outros viventes com quem compartilha o mundo e como isso se insere no estilo de produção capitalista.

Por sua vez, a lógica de consumo representada (e hiperbolizada) na obra de Bazterrica possibilita também uma leitura que, de modo mais amplo, busca questionar formas de governo democrático-capitalistas e, conforme Mercier e Rossel (2021, p. 172) “la politización del hambre”<sup>34</sup>. Isso é possível porque o processo de canibalismo da narrativa está intrinsecamente ligado a um Estado direcionado pelo interesse da indústria e do mercado que ela alimenta. Para os autores, pode-se considerar “al hambre como el concepto clave del programa político distópico” (ibidem, p. 175), uma vez que a fome em massa pode levar a insurreições da população que ameaçam a continuidade do poder vigente e, de modo geral, do sistema capitalista de produção industrial. Esse medo da fome é visto, por exemplo, na figura dos Carroñeros, formas de existência marginais mantidas sob controle por meio da falta de supervisão intencional – um “deixar viver” sancionado pelas instituições de policiamento – e do fornecimento esporádico de carne (em bom estado ou não) pelos frigoríficos e açougues.

A fome, no sentido proposto por Mercier e Rossel, reproduz uma realidade já vivenciada na contemporaneidade graças à mercantilização de gêneros alimentícios, cujo valor é estipulado não a partir de sua importância como necessidade básica humana, mas de sua disponibilidade e de seu refinamento. Assim, comer depende do poder de compra individual, pois “una sociedad que ha asumido el concepto de la comida como un bien de consumo la entiende y administra como un lujo, evadiendo cualquier tipo de responsabilidad social o ética por asegurar su acceso a la población” (MERCIER; ROSSEL, 2021, p. 176)<sup>35</sup>. No romance, isso se estende a ponto de elevar o canibalismo a um privilégio de classe, o que insere os Carroñeros – os que comem restos de cabeças, que não têm nenhum poder de

---

<sup>34</sup> “A politização da fome” (tradução nossa).

<sup>35</sup> “Uma sociedade que assumiu o conceito de comida como um bem de consumo a entende e a administra como um luxo, evadindo qualquer tipo de responsabilidade social ou ética de assegurar seu acesso à população” (tradução nossa).

compra – no último degrau da hierarquia social e os indivíduos mais ricos – donos de cabeças PGP, de empreendimentos ligados ao circuito da carne ou, de forma geral, os que podem pagar por ela – no topo. “En efecto, en la novela, el hecho de “tener hambre” viene paradójicamente a significar una posición social acomodada y el canibalismo se convierte, al contrario de un medio de supervivencia, en un privilegio” (ibidem, p. 184)<sup>36</sup>.

A política da fome faz eco, também, ao que Juliana Fausto identifica como sendo “alternativas infernais”, definidas como um falso senso de “ter que escolher” imposto pelo capitalismo:

Onde se constitui uma alternativa infernal, a política dá lugar à submissão, e mesmo aqueles e aquelas que resistem podem ser capturados, isto é, podem definir sua oposição nos termos fabricados pela alternativa (PIGNARRE; STENGERS apud FAUSTO, 2021, p. 87).

Sob esse viés, o sistema de produção capitalista fabricaria a ideia de que, para solucionar um problema (social, ecológico, econômico, etc.), seriam possíveis apenas as alternativas criadas pelo próprio sistema, ambas negativas e excludentes; ambas com potencial destruidor. Em *Cadáver Exquisito*, esse procedimento se verifica justamente na forma como o canibalismo é instaurado e em como a falta massiva de carne animal – ou a ausência de investimento em alternativas outras, como na produção de grandes volumes de proteínas de origem vegetal – é propagada à população. No sistema, os cidadãos parecem ter que escolher entre não se alimentar bem ou se alimentar de carne humana; entre estar sujeito à fome ou aceitar a “alternativa infernal” privilegiada pelos produtores de gêneros alimentícios.

Essa leitura de *Cadáver Exquisito*, então, critica o capitalismo como sistema de criação de problemas à sobrevivência humana solucionáveis apenas pelo poder de compra e pela ilusão de que as únicas soluções possíveis a eles se dão com base nos moldes produzidos pelo próprio sistema. Verifica-se, nesse sentido, a derrocada de governos democráticos que, em teoria, buscam o bem-estar populacional, mas, na prática, se deixam conduzir por interesses de mercado. Recupera-se aqui a ideia de Agustina Bazterrica de um sistema em que as pessoas “fagocitam umas às outras”: o consumo literal de seres humanos no romance não é senão uma alusão ao comportamento predatório que grupos privilegiados socialmente já promovem sobre as minorias, direta ou indiretamente. O “sinal de fumaça” emitido pela obra denuncia um incêndio nas formas como pessoas já são consumidas – aqui, no sentido de aniquiladas, totalmente destruídas – pelo estilo de vida capitalista.

---

<sup>36</sup> “Com efeito, na novela, o feito de ‘ter fome’ vem paradoxalmente a significar uma posição social acomodada e o canibalismo se converte, ao contrário de um meio de sobrevivência, em um privilégio” (tradução nossa).

## CONCLUSÃO

Este estudo foi motivado pelo desejo de explorar algumas das muitas possibilidades de trabalho analítico oferecidas por *Cadáver Exquisito*. Marcadamente distópica, a obra busca instigar questionamentos no leitor acerca das várias formas como o ser humano pode ser (e é) consumido pelo sistema político-econômico capitalista em que está inserido, e alcança seu objetivo utilizando temáticas, ferramentas textuais e camadas de significação complexas.

Por meio da animalização do ser humano a partir de sua inserção nas esteiras de produção, ocupando os espaços hoje destinados aos bichos, Bazterrica traz à tona as formas como os animais já são atualmente vítimas de um assujeitamento protocolar completamente *desumanizado*. Contudo, a inversão promovida pela obra deixa entrever não só a questão animal, mas também a questão humana: através de operações ligadas à bestialização, de reformulações discursivas baseadas na manipulação da linguagem e da arbitrariedade desses processos, pode-se falar nos múltiplos sentidos em que já “nos devoramos mutuamente” (ABDALA, 2020). Para a autora, o ser humano já é vítima de um sistema que o fagocita e o submete a situações extremas comparáveis apenas ao tratamento insensível secularmente destinado aos animais outros-que-humanos.

Além das operações concretas utilizadas pelo sistema canibal para controlar a produção e a aceitação da carne humana, a narrativa trabalha também expondo as consequências de um evento traumático como a Transição no estado emocional dos indivíduos. O sistema, ao se basear no martírio do corpo humano e na possibilidade de submetê-lo ao abate, transforma o corpo em terreno de disputa e impede a realização de rituais tradicionais ligados a uma relação tranquila com a morte. Em outro senso, ao se basear no extermínio generalizado de animais do mundo e na supressão de lembranças de um passado em que animais e humanos conviviam, o sistema cria uma melancolia generalizada ligada ao empobrecimento de redes de conexão afetivas no mundo e à impossibilidade de processá-la.

Por fim, a compreensão da obra como uma distopia – gênero tipicamente voltado à denúncia baseada no exagero de tendências negativas dos modos de vida do presente – possibilita leituras que direcionam o leitor a diferentes possibilidades de crítica social. As leituras animalista e anticapitalista são algumas delas, viabilizadas, como visto, pela inversão do animal em humano e pela reprodução das operações industriais atuais sobre ele.

Como se percebe, *Cadáver Exquisito* é uma narrativa que, em sua complexidade, oferece diversas possibilidades de leitura a partir de diversas formas de adentrar o texto. Aqui,

não se pretendeu esgotá-las, mas apenas selecionar algumas ligadas a pontos de interesse como os *animal studies*, a ecocrítica e a teoria literária voltada ao gênero distópico.

Discorrer sobre obras como *Cadáver Exquisito* em um cenário pandêmico como o que está sendo atravessado pela humanidade pode ser muito profícuo, uma vez que faz soar “avisos de incêndio” intensamente percebidos pelas formas como as pessoas já vivem. Acredita-se que o potencial desastroso observado na narrativa, nesse sentido, dá luz às sombras produzidas pelo avanço desenfreado da agroindústria e de sua íntima relação com os governos democráticos e totalitários de todo o mundo (mas, como se sabe, com destaque em países tradicional e marcadamente agropecuários como o Brasil). O potencial de diálogo entre a obra e a realidade caótica experimentada pelo leitor é, portanto, extremamente rico.

O que parece se destacar a partir da leitura da obra de Bazterrica – e, espera-se, deste trabalho – é o incentivo a formas de pensar que desafiem a tradicional lógica antropocêntrica. A percepção de temas como a arbitrariedade na divisão ontológica entre seres humanos e animais, assim como a isenção de responsabilidade humana sobre práticas ligadas ao sacrifício em massa, às grandes extinções de outras espécies de viventes e às alternativas infernais criadas pelo sistema capitalocêntrico para solucioná-las indica a necessidade de mudança. Repensar fatores como esses, não fugindo aos impasses ou ignorando-os, mas propondo novas formas de fazer política e de existir em um mundo não dominado pelo humano, poderia fazer eco com que Donna Haraway denomina “habitar o problema” – postura entendida como “comprometida com as possibilidade mais modestas de recuperação parcial [do laço entre espécies] e de prosseguimento em conjunto [com as espécies companheiras]” (HARAWAY, 2016 apud FAUSTO, 2021, p. 95). Seria um modo de “hesitar, de desacelerar as soluções que se pretendem mágicas” na hora de lidar com questões de convívio entre animais humanos e não-humanos que, ao contrário do que vem sendo feito há séculos, não seja necessariamente agressiva, excludente, de extermínio – ou de canibalismo –, mas que pretenda ver as possibilidades outras de entender o animal independentemente do que se entende como humano. Que este trabalho – como tantos outros que dialogam com tantas outras áreas – seja, de alguma forma, um aceno nesse sentido.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, V. Ya fue traducida a nueve idiomas – la escritora Agustina Bazterrica, destacada por el diario inglés The Guardian. **Clarín Cultura**, Piedras, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://elle.clarin.com/lifestyle/ocio-y-cultura/entrevista-agustina-bazterrica/>. Acesso em maio de 2022.

ALMEIDA, B. P.; OLIVEIRA CORDEIRO, A. de M.; COSSON, R. Ler e escrever criativamente: cores poéticas na prática de letramento literário cadáver esquisito. **Signo**, v. 46, n. 85, p. 206-238, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/signo.v46i85.15819>. Acesso em maio de 2022.

BAZTERRICA, A. **Cadáver Exquisito**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clarín Alfaguara, 2018 (E-book).

BUENO, K. L. **Distopias latino-americanas contemporâneas: uma análise de Cadáver Exquisito (2018) e Nación Vacuna (2017)**. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 97 p., 2021. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6103;jsessionid=9B5ECE6601DF08FAAF3D0DBB840DC861>. Acesso em agosto de 2021.

CLAEYS, G. **Dystopia: a natural history**. A study of modern despotism, its antecedents and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FAUSTO, J. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: n-1 edições & Hedra, 2020.

FERREIRA, E. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 119-135, jul./dez. de 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9082>. Acesso em setembro de 2021.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. Série Princípios, 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GIRARD, R. “**O sacrifício**”. In: GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, pp. 11-55.

GIRARD, R. **O sacrifício**. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

GRADE, M. S.; BUENO, K. L.; GUIZZO, A. R. Consumir e ser consumido, novos olhares sobre a relação entre homens e animais na literatura latino-americana contemporânea. **Raído**, v. 14, n. 35, pp. 50-55. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/raido.v14i35.11041>. Acesso em fevereiro de 2022.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016, pp. 139-146. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em fevereiro de 2022.

HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 23 ago. 2021.

JORDAN, J. Tender Is The Flesh by Agustina Bazterrica review – a prizewinning Argentinian dystopia. **The Guardian**, Londres, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2020/feb/21/tender-is-the-flesh-agustina-bazterrica-review>. Acesso em maio de 2022.

MACIEL, M. E. A vida dos outros: J.M. Coetzee e a questão dos animais. **Aletria**: revista de estudos de literatura. V. 21, n. 3, p. 91-101, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18451>. Acesso em setembro de 2021.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MERCIER, C; ROSSEL, G. Políticas del hambre y diplomacia animal en Cadáver Exquisito de Agustina Bazterrica. **Chasqui**: revista de literatura latinoamericana, v. 50, n. 1, 2021, pp. 169-186. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27109867?seq=1>. Acesso em março de 2022.

PINHEIRO, M. T.; QUINTELLA, R. R.; VERTZMAN, J. S. Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. **Psicologia clínica**, v. 22, n. 2, p. 147-168, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/LzCz9LTgtDjNcdT9GXBqdyF/?lang=pt&format=html>. Acesso em maio de 2022.

ROLNIK, S. **Antropofagia zumbi**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

URRUTIBEHETY, G. Entrevista de #EntrelíneasEnCasa con la escritora Agustina Bazterrica. **Entrelíneas**, Buenos Aires, 31 jul. 2020. Disponível em <https://www.entrelineas.info/articulo/1069/27767/entrevista-de-entrelineasencasa-con-la-escri-tora-agustina-bazterrica-el-lenguaje-nunca-es-inocente-siempre-es-politico>. Acesso em maio de 2022.

WALLACE, R. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. São Paulo: Editora Elefante; Igra Kniga, 2020.